

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO SOCIOECONÔMICO  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Giovanni Pereira Zarbato

Novas Rotas Marítimas: Uma Análise da Política Sino-Russa para o Ártico entre os anos de  
2007 e 2022

Florianópolis

2023

Giovanni Pereira Zarbato

Novas Rotas Comerciais: Uma Análise da Política Sino-Russa para o Ártico entre os anos de  
2007 e 2022

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em  
Relações Internacionais do Centro Socioeconômico da  
Universidade Federal de Santa Catarina como requisito  
para a obtenção do título de Bacharel em Relações  
Internacionais  
Orientador: Profa. Dra. Graciela de Conti Pagliari

Florianópolis

2023

## Ficha de identificação da obra

Zarbato, Giovanni

Novas Rotas Comerciais: Uma Análise da Política Sino-Russa para o Ártico entre os anos de 2007 e 2022 / Giovanni Zarbato ; orientadora, Graciela Pagliari, 2023. 64 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico, Graduação em Relações Internacionais, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Relações Internacionais. 2. Ártico. 3. China. 4. Rússia. 5. Rota do Mar do Norte. I. Pagliari, Graciela. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Relações Internacionais. III. Título.

Giovanni Pereira Zarbato  
Novas Rotas Marítimas: Uma Análise da Política Sino-Russa para o Ártico entre os anos de  
2007 e 2022

Florianópolis, 26 de Junho de 2023.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi avaliado e aprovado pela banca  
examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Danielle Jacon Ayres Pinto  
Instituição UFSC

Prof.(a) Graciela de Conti Pagliari  
Instituição UFSC

Prof.(a) Helton Ricardo Ouriques  
Instituição UFSC

Certifico que esta é a **versão original e final** do Trabalho de Conclusão de Curso que  
foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais por  
mim e pelos demais membros da banca examinadora.

---

Prof.(a) Graciela de Conti Pagliari, Dr.(a)  
Orientador(a)

Florianópolis, 2023.

Este trabalho é dedicado aos meus inestimáveis amigos e aos meus queridos pais.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a todos que fizeram parte da minha jornada na UFSC, desde os momentos que antecederam minha chegada a todos os percursos que tomei em minha vida pessoal, profissional e acadêmica durante meus anos de estudo.

À Professora Graciela de Conti Pagliari, sua orientação dedicada e apoio constante foram fundamentais para meu crescimento acadêmico e pessoal. Seus conselhos e encorajamentos foram inestimáveis para mim. Agradeço por ter a oportunidade de trabalhar com uma profissional tão talentosa e apaixonada pelo que faz, que traz luz ao curso de Relações Internacionais e inspira novas gerações de internacionalistas.

Gostaria também de estender minha gratidão aos colegas da UFSC e afora, que tornaram minha experiência acadêmica ainda mais prazerosa e enriquecedora. Ao Vitor, com quem morei durante todo o processo de pesquisa, à Ana, que sempre teve uma presença leal e recíproca nos meus altos e baixos e às minhas amigas, Luiza Lopes Rosa e Isadora Calônico, que inúmeras vezes trilharam fora de seus caminhos usuais para me auxiliar na construção desse trabalho. Não caberia em uma página de agradecimentos todos os nomes que me trazem felicidade ao mencionar.

À minha família: mãe, pai, irmão, tios e avós; compartilho de todo o amor do mundo e sou imensamente grato por terem construído quem eu sou e me acompanhado com orgulho durante toda a minha jornada. Agradeço, também, por terem sempre me incentivado a buscar e compartilhar conhecimento. Sem vocês, nada disso teria sido possível.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer a cidade de Florianópolis, minha cidade natal, por ser um lugar tão inspirador para estudar e viver. Sua beleza natural e rica cultura fizeram parte da minha experiência acadêmica e pessoal e eu serei eternamente orgulhoso de ter vivido e ocupado este pedacinho de terra perdido no mar.

## RESUMO

Este estudo investiga as implicações da abertura das passagens árticas para as relações entre China e Rússia, visando compreender suas consequências geopolíticas. Através de um método hipotético-dedutivo, com consulta em notícias, relatórios e posicionamentos oficiais sobre as obras independentes russas e os projetos com parceria chinesa na região Ártica, buscam-se resultados indicando que, de 2007 a 2022, a abertura das passagens árticas teve um impacto limitado no comportamento dos atores na região, e as obras identificadas ainda não exploraram plenamente o potencial comercial e extrativo do Ártico. Este estudo contribui para a compreensão de como um fenômeno natural contemporâneo influencia a política entre países e como uma rota comercial inesperada traz mudanças significativas. Conclui-se que os investimentos em infraestrutura ártica ainda não alteraram significativamente a geopolítica da região, devido aos desafios presentes e às concessões geopolíticas necessárias para China e Rússia.

**Palavras-Chave:** Passagens árticas; Infraestrutura ártica; Geopolítica; Segurança Internacional; Relações China-Rússia.

## ABSTRACT

This study investigates the implications of the opening of Arctic passages for China-Russia relations, aiming to understand their geopolitical consequences. Using a hypothetical-deductive method, with reference to news, reports, and official positions on independent Russian endeavors and Chinese partnership projects in the Arctic region, the study seeks results indicating that from 2007 to 2022, the opening of Arctic passages had a limited impact on the behavior of actors in the region, and the identified projects have not fully tapped into the commercial and extractive potential of the Arctic. This study contributes to understanding how a contemporary natural phenomenon influences politics between countries and how an unexpected trade route brings significant changes. It is concluded that investments in Arctic infrastructure have not yet significantly altered the geopolitics of the region due to existing challenges and the geopolitical concessions required by China and Russia.

**Key-Words:** Arctic passages; Arctic infrastructure; Geopolitics; International Security; China-Russia relations.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Grau de aquecimento médio de temperaturas globais e árticas.

Figura 2 - Mapa dos Complexos Regionais de Segurança.

Figura 3 - Primeira ilustração cartográfica da região ártica, publicada em 1595.

Figura 4 - Linha do tempo dos eventos citados ocorridos no Ártico russo.

Figura 5 - Comparação de distância entre os trajetos da Rota do Mar do Norte e da Rota do Canal de Suez.

Figura 6 - Mapa das reivindicações marítimas das nações circundantes ao Oceano Ártico. A área contestada pela Rússia está em verde e sobrepõe-se a seções de reivindicação dinamarquesa (vermelho) e canadense (azul).

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CITIC - *China International Trust and Investment Corporation*

CNPC - China National Petroleum Corporation

GNL - Gás Natural Liquefeito

IEA - *International Energy Agency*

IPCC - *Intergovernmental Pannel on Climate Change*

NOAA - *National Oceanic and Atmospheric Administration*

OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte

PCC - Partido Comunista Chinês

TCRS - Teoria dos Complexos Regionais de Segurança

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução .....</b>	<b>15</b>
<b>2. Fundamentações teóricas .....</b>	<b>20</b>
2.1 Conceitos em Torno do Tema de Pesquisa .....	21
<b>2.1.1 Segurança Internacional .....</b>	<b>21</b>
<b>2.1.2 Securitização .....</b>	<b>23</b>
<b>2.1.3 Complexos Regionais de Segurança.....</b>	<b>25</b>
2.2 Considerações Parciais .....	27
<b>3. Atuação histórica das passagens árticas .....</b>	<b>29</b>
3.1 O Ártico Durante a Guerra Fria .....	32
3.2 Considerações Parciais .....	36
<b>4. Iniciativas para o Desenvolvimento do ártico russo .....</b>	<b>39</b>
4.1 Obras Russas Independentes .....	41
4.2 Obras Russas com Parceria Chinesa.....	46
4.3 Considerações Parciais .....	49
<b>5. Perspectivas Securitárias para a Região .....</b>	<b>51</b>
5.1 Perspectiva Russa da Parceria .....	51
5.2 Perspectiva Chinesa da Parceria .....	56
5.3 Considerações Parciais .....	58
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>63</b>



## 1. INTRODUÇÃO

O Ártico global representou, ao longo dos tempos, a fronteira para a expedição humana, onde bravos pescadores se aventuravam para enriquecer com a pesca de baleias e de outros animais marinhos, e, também, onde intrépidos navegadores, em circunstâncias adversas, buscavam terras distantes de contos perdidos. Nesse contexto, a dominação da costa boreal, a princípio deixada em segundo plano pelas nações do norte europeu, tornou-se cada vez mais protagonista de litígios. Buscava-se, assim, a garantia de melhor aproveitamento de recursos, como o acesso a zonas pesqueiras, jazidas minerais e portos que não permanecessem completamente congelados ao longo do ano. Nesse contexto, abordaremos como a zona polar elevou seu *status* de fronteira da ingenuidade humana para o centro de interesse de diversas civilizações.

A crescente navegabilidade do Ártico, impulsionada pelo processo de degelo das calotas polares, tem se tornado um marco significativo no cenário das relações internacionais. Essa abertura das zonas mais setentrionais tem facilitado o acesso de veículos comerciais e militares à região. Esse novo contexto desperta grande interesse dos países circundantes devido à sua relevância econômica e política.

Na década de 1940, com o início da Guerra Fria, o Oceano Ártico acompanhou de perto os inúmeros palcos de tensão entre os dois *hegemons*<sup>1</sup> do período: Estados Unidos e Rússia. Nesse sentido, um fator intensificante foi que, por vias aéreas, a região polar era o percurso mais curto entre a América do Norte e o norte eurasiático, configurando-se como área de considerável estratégia para a projeção de poder dos dois países. Em revanche, a circulação marítima ainda era baixa, fato ocasionado pelas altas taxas de congelamento que as águas do norte sofriam durante todo o ano. Além disso, poucos eram os portos como os de Murmansk e Arkhangelsk, por exemplo, que permitiam a construção e o estabelecimento de bases navais civis e militares próprias para a utilização.

A exploração contemporânea do território ártico deu-se do sentido continental para o marítimo. Nesse contexto, obras localizadas na Sibéria e nos Urais elevariam o *status* da Rússia pós-soviética como importante exportador energético para o ocidente. Ainda assim,

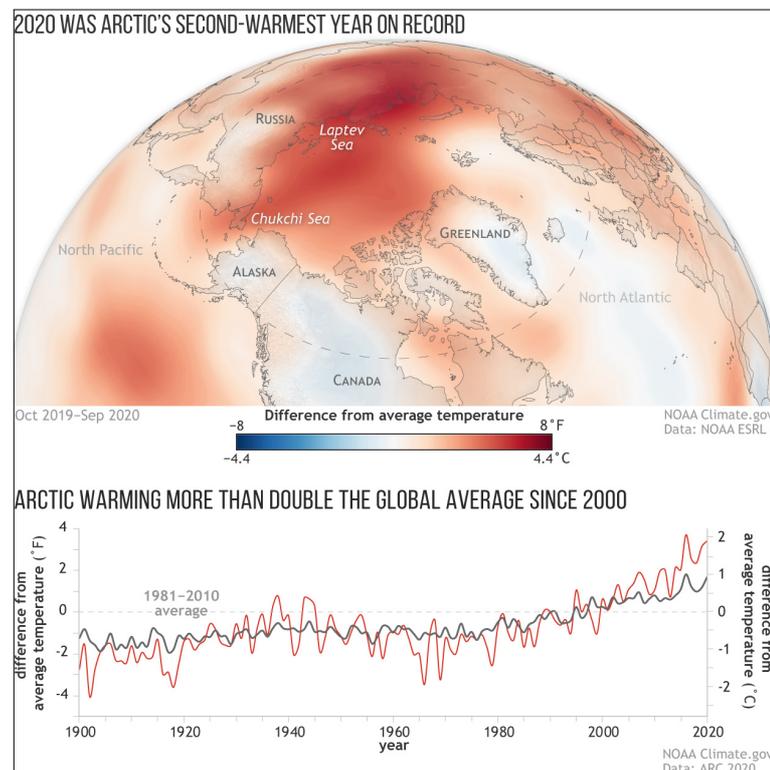
---

<sup>1</sup> Hegemon é um termo que se refere a um ator ou entidade que possui superioridade política, econômica ou militar e exerce liderança e controle sobre outros atores, estabelecendo normas, regras e influência em uma determinada região, setor ou sistema.

mesmo com os enormes potenciais extrativos e comerciais, o acesso à região ainda era limitado, uma vez que não apenas os mares permaneciam congelados ano após ano, mas também o solo congelava, devido a um fenômeno intitulado *permafrost*. Como resultado, as terras e as águas do polo norte global ainda permaneceriam de difícil acesso e aproveitamento, mesmo considerando os recursos das duas maiores potências do século XX.

No entanto, uma ocorrência ainda pouco debatida durante o auge da Guerra Fria seria o maior fator decisivo para a formação das políticas recentes para o Ártico: o Aquecimento Global. A partir da década de 1980, segundo relatório trazido pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, em inglês, *Intergovernmental Pannel on Climate Change* (IPCC), anomalias de temperatura foram encontradas mais frequentemente e com mais intensidade nas regiões polares que em outras partes do globo (IPCC, 2005). Ademais, dados da Administração Nacional Oceânica e Atmosférica, em inglês, *National Oceanic and Atmospheric Administration* (NOAA), indicam que a média de temperaturas registradas no Ártico entre Outubro de 2019 e Setembro de 2020 está dois graus Celsius mais quente que a média de 1985 a 2010 (Figura 1), enquanto no restante do globo é identificado um grau Celsius de aquecimento (NOAA, 2020).

**Figura 1** - Grau de aquecimento médio de temperaturas globais e árticas.



Fonte: Administração Nacional Oceânica e Atmosférica, 2020

Assim, o final do século XX foi recebido tanto com episódios políticos, como o final da União Soviética e da Guerra Fria, quanto climatológicos, vistas as rápidas mudanças que a temperatura global sofria. Nesse contexto, temas como aquecimento global, extração mineral, abertura de rotas comerciais e exploração científica começaram a ser mais debatidos pelas autoridades do novo Estado russo e das nações ocidentais.

O papel econômico moderno do Ártico teve um grande impulso a partir de 2007, quando a Rússia tomou a iniciativa de fixar uma bandeira no fundo do oceano onde geograficamente se encontra o polo norte global, impondo sua presença e reivindicando seu poder na região (FAULCONBRIDGE, 2007). Esse gesto simbólico foi o ponto de partida para uma nova corrida pela região, envolvendo potências mundiais como Estados Unidos, China, Dinamarca e Noruega, entre outras. Uma consequência notável foi a crescente securitização da região, pois, diante da possibilidade de acesso a novas rotas marítimas e de exploração de recursos naturais, surgiram preocupações com a proteção territorial da área.

Dado o devido contexto, neste trabalho, elucida-se a possibilidade de analisar detalhadamente as relações estabelecidas entre os atores presentes no extremo norte global, enfocando a relação entre a Rússia e a China. A relação sino-russa advém de séculos de instâncias de adversidade, rivalidade, cooperação e afastamento. No período de tempo analisado, Beijing percebe a ascensão de Xi Jinping e o crescimento de sua ambição por influência e poder para além da sua zona convencional de atuação. A Rússia, enquanto isso, encontra uma reinserção do seu papel de jogador político ativo nas relações internacionais a mando de Putin. É de crescente importância a análise dos comportamentos dos atores entre si e com os demais para com o ártico global: não apenas a região, em condições de navegabilidade, apresenta um grande encurtamento de rotas comerciais imprescindíveis para a economia global, mas também, por sua localização central, a área desponta como zona estratégica para a projeção de poder. Além disso, este estudo tem como objetivo mostrar como um evento relacionado às mudanças climáticas, que em certa medida é causado pela ação humana, afeta as percepções dos Estados em relação aos seus objetivos securitários. A pergunta desta pesquisa é: em que medida a cooperação estratégica e o desenvolvimento conjunto de projetos Sino-Russos no Ártico entre 2007 e 2022 provocaram uma alteração nas perspectivas securitárias de China e Rússia para a região?

A hipótese que norteia a pesquisa do trabalho considera que, a partir de 2007, China e Rússia desenvolveram muitos projetos de parceria conjunta, como o gasoduto Força da Sibéria, ligando o extremo oriente russo ao norte chinês. No entanto, as cooperações estratégicas não foram compreensivas, muito menos no mar Ártico, gerando um impasse mútuo na cooperação. De Moscou, percebe-se um receio em conceder a um rival geopolítico demasiado poder dentro de sua própria esfera territorial. Assim, apesar da necessidade russa de capital para a realização de obras em sua vasta região ártica, tal bônus não é compensável se o ônus for o próprio rendimento que esses recursos tragam. Ao mesmo tempo, Beijing resiste em investir pesadamente no desenvolvimento de um concorrente geopolítico sem a contrapartida de concessões político-econômicas. Como um país não pertencente à costa ártica, a China vê com maior imprescindibilidade a garantia de apoio para sua atuação na área, algo que não pode assegurar com a Rússia. A relação da segurança de ambos os países com a zona boreal permanece, portanto, inalterada. O degelo e a abertura de passagens de navegação previstas ao curto prazo não representaram até Janeiro de 2022, ano limite do presente trabalho, um fator de grande impacto na mudança do comportamento dos países estudados.

Este trabalho possui como objetivo geral investigar a existência da modificação de comportamento dos governos russo e chinês na política e na economia do Ártico entre 2007 e 2022 por meio das obras voltadas ao desenvolvimento da região, como gasodutos, portos e segurança de navegação. Os objetivos específicos apresentados são os seguintes: (I) identificar a formação histórica do Ártico e a relação entre o Estado russo e a região; (II) apresentar os projetos de desenvolvimento regional realizados durante o período estudado de parceria russo-chinesa; (III) apontar os interesses chineses e russos independentes dentro do Ártico; e (IV) debater o comportamento sino-russo com base nas limitações à cooperação de cada parte.

A pesquisa será formulada por meio de um método hipotético-dedutivo, com fontes primárias e secundárias. Dentre as fontes primárias, podemos abarcar os estudos e análises trazidos pelo The Arctic Institute (2011; 2018). Em seguida, as fontes secundárias referem-se a composições textuais de diferentes autores que buscam observar a atividade econômica e política no Ártico. Para tal, encontram-se conteúdos da High North News (2019), de autoria de pesquisadores versados no polo norte, como Lackenbauer (2022) e de autores da Escola de

Copenhague, como Buzan (1998; 2003) e Wæver (1998; 2003), dentre outros. O estudo abrangerá análises descritivas e qualitativas acerca do tema, auxiliado por uma revisão bibliográfica de conceitos aliados à pesquisa.

É importante ressaltar que o marco temporal do trabalho delimita-se no primeiro mês de 2022, pois durante uma visita de estado à China na primeira semana de fevereiro de 2022, Putin declarou a formação de uma aliança "sem limites" com o país asiático (OSBORN, 2022). Essa declaração, provavelmente feita em antecipação à Guerra Russo-Ucraniana e às sanções ocidentais, fortaleceu os laços entre Putin e Xi. Diante desse cenário, a definição temporal do trabalho visa garantir uma análise mais precisa das questões relacionadas à segurança na região ártica, como elas nos levaram ao cenário no qual nos situamos e como podemos ponderar para o porvir dessa área estratégica.

O presente estudo se encontra composto por quatro capítulos. O capítulo inicial tem como foco a explanação teórica, visando oferecer ao leitor uma compreensão dos conceitos centrais discutidos. No segundo capítulo, apresenta-se um panorama histórico sobre a formação do Ártico, destacando os eventos e marcos relevantes que moldaram a dinâmica geopolítica na região. Em seguida, no terceiro capítulo, exploram-se as obras realizadas no Ártico russo, tanto por iniciativa independente russa quanto em colaboração com a China. Por fim, o quarto capítulo faz o papel de analisar com maior profundidade a perspectiva securitária de cada parte da relação sino-russa, assim possibilitando estabelecer a argumentação conclusiva do trabalho.

## 2. FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS

Para uma análise aprofundada dos comportamentos dos atores envolvidos nesta pesquisa, particularmente a Rússia e a China, torna-se essencial adotar uma abordagem baseada nos estudos de segurança trazidos pela Escola de Copenhague, cuja contribuição significativa é atribuída a acadêmicos proeminentes como Barry Buzan. Segundo tratado por Góes (2019),

uma forma direta de se definir segurança seria como o alívio/fim de ameaças contra valores considerados estimados pelas pessoas e que, se não forem vigiados, ameaçarão a sobrevivência de um determinado objeto em um futuro próximo (p. 35).

Essa perspectiva teórica enfoca a importância das interações sociais, normas e identidades na formação das noções de segurança e nas ações dos Estados. Dentro dessa abordagem, a segurança não é considerada algo objetivo e pré-determinado, mas sim um processo socialmente construído. Nesse contexto, as ameaças e os desafios à segurança são percebidos e interpretados através dos meios em que os atores estão inseridos e que moldam suas identidades e concepções de segurança. Nessa perspectiva, a segurança é resultado das relações sociais e das percepções compartilhadas, sendo influenciada pela dinâmica de construção de significados e pela interação entre os atores. Dessa forma, a abordagem construtivista de Buzan<sup>2</sup> enfatiza a importância dos fatores ideacionais na análise e compreensão dos desafios à segurança e na formulação de estratégias de segurança mais abrangentes (BUZAN, 1998).

Ao empregar a abordagem construtivista, almeja-se compreender como a construção das identidades e dos interesses securitários dos atores influencia suas políticas e comportamentos em um âmbito estratégico, como no Ártico, região que assume importância tática para os países lá atuantes. No entanto, as perspectivas dos atores do Ártico diferem-se com base em suas próprias características e interesses nacionais, o que pode levar a ações e reações divergentes entre as partes, tanto em termos de investimentos e desenvolvimento da região, quanto em questões relacionadas à segurança e governança. Portanto, a compreensão

---

<sup>2</sup> Barry Buzan (1946-) é um renomado estudioso das Relações Internacionais e um dos principais teóricos no campo da segurança internacional. Nascido no Reino Unido, um de seus trabalhos mais renomados incluem a coautoria do livro "Security: A New Framework for Analysis" (1998), que introduz a abordagem da securitização e tem sido amplamente influente no estudo das questões de segurança e política global.

das perspectivas tanto russas quanto chinesas em relação ao mesmo ponto referencial é fundamental para entender suas motivações e ações que adotarão na busca de seus interesses nessa região em constante evolução.

## 2.1 CONCEITOS EM TORNO DO TEMA DE PESQUISA

Neste tópico, serão apresentadas as principais conceitualizações que contribuirão para a compreensão do processo de análise do comportamento da Rússia e da China em relação às suas atuações na zona ártica. De tal forma, a leitura das perspectivas securitárias sino-russas será explorada através dos conceitos fundamentais de segurança internacional, securitização e complexos regionais de segurança.

### 2.1.1 Segurança Internacional

A segurança internacional é uma preocupação central na arena global na busca da garantia de paz, de prosperidade e do bem-estar dos Estados e de seus cidadãos. A definição de Segurança Internacional abrange preocupações relacionadas à sobrevivência de uma ou mais entidades internacionais, bem como os elementos essenciais que sustentam sua existência e as medidas que podem ser adotadas para promover a estabilidade no sistema internacional (GÓES, 2019).

Para Wæver (1998), a Segurança Internacional está ligada à sobrevivência e é acionada quando uma questão é apresentada como uma ameaça existencial a um determinado objeto referente (tradicionalmente, mas não necessariamente, um Estado, além de governo, território e sociedade). O autor determina que é possível observar a natureza da segurança e, por extensão, da ameaça existencial de um Estado por meio de cinco esferas ou setores:

1. Setor Militar: A ameaça existencial neste setor está relacionada à sobrevivência do estado ou das forças armadas. Por exemplo, uma ameaça existencial pode envolver a possibilidade de um ataque militar que coloque em risco a integridade territorial do estado ou a capacidade de defesa das forças armadas.
2. Setor Político: Neste, as ameaças existenciais são tradicionalmente definidas em termos do princípio constitutivo, como a soberania ou a ideologia do estado. Qualquer

coisa que questione o reconhecimento, a legitimidade ou a autoridade governante pode representar uma ameaça.

3. Setor Econômico: No setor econômico, identificar objetos referentes e ameaças existenciais é mais desafiador. As empresas podem ser ameaçadas pela falência ou por mudanças nas leis que as tornem ilegais ou inviáveis. As economias nacionais têm uma reivindicação maior ao direito de sobrevivência, mas ameaças existenciais para a economia nacional geralmente estão ligadas a contextos de segurança mais amplos, como a guerra.
4. Setor Societal: O objeto referente neste setor são identidades coletivas em grande escala, como nações e religiões. Estabelecer limites claros para diferenciar ameaças existenciais de ameaças menores é extremamente difícil. Mudanças e desafios que afetam a identidade coletiva podem ser percebidos como ameaças existenciais, dependendo da perspectiva dos detentores dessa identidade
5. Setor Ambiental: As ameaças existenciais nesse setor estão relacionadas a fatores que colocam em risco a relação entre a espécie humana e o restante da biosfera, como colapsos na civilização, interrupções na herança biológica do planeta ou mudanças significativas no clima global (WÆVER, 1998).

Nesse contexto, é abordado pelo autor que "as ameaças existenciais justificam o uso de medidas extraordinárias para lidar com elas, como a mobilização estatal ou a adoção de poderes especiais" (WÆVER, 1998, p. 21). Para tal, um determinado ator político irá buscar minimizar fatores que, para si, possam abarcar na contestação de sua vigência.

Concomitantemente, a natureza específica de cada referente resultará em perspectivas securitárias específicas, cada qual com um desafio a superar e com um objetivo estratégico a cumprir. Esse caráter diverso da coexistência de agentes no sistema internacional leva ao surgimento de instâncias em que um mesmo ponto de contenção resultará em diferentes pautas de segurança aos Estados que nele possuam interesse.

Resumidamente, a segurança se trata de sobrevivência. Em um âmbito internacional anárquico isso se traduz em como as condições que as diferentes entidades que compõem o sistema internacional irão atuar para manter suas existências. Nesse contexto, a rede de dezenas de atores buscando a segurança de sua continuidade demonstra a complexidade e abrangência da segurança internacional.

### 2.1.2 Securitização

O conceito de securitização representa uma ferramenta analítica fundamental para compreender a noção global de segurança. A securitização refere-se a um processo específico, em que um ponto de contenda é transformado em uma ameaça existencial e cuja solução possa requerer ações fora do habitual, com o fim de assegurar a continuidade de um objeto referente (WÆVER, 1998).

De acordo com Wæver (1998), a securitização não é uma característica objetiva da situação, mas sim uma construção social que ocorre por meio de *atos de fala*. Isso significa que a segurança não é apenas uma condição concreta, mas uma percepção compartilhada e construída coletivamente. Os atores políticos, através de suas habilidades discursivas e poder de persuasão, têm a capacidade de transformar questões em problemas de segurança, mobilizando recursos e legitimando ações extraordinárias. Segundo Wæver (1988) e Austin (1975),

o processo de securitização é o que, na teoria da linguagem, é chamado de ato de fala. Não é interessante como um sinal que se refere a algo mais real; é a própria declaração que constitui o ato. Ao proferir as palavras, algo é feito (como apostar, fazer uma promessa, dar um nome a um navio) (p. 98 *apud* Wæver, 1998, p. 26, tradução nossa).

Nesse contexto, os *atos de fala* desempenham um papel central na securitização, pois é através da linguagem que os atores políticos constroem discursos e argumentos que legitimam a necessidade de ações excepcionais em nome da segurança. A linguagem é usada para identificar a ameaça, estabelecer a autoridade para agir e convencer o público-alvo de que a resposta de segurança é necessária e justificada.

No entanto, é importante destacar que a securitização não é um processo automático ou universalmente aceito. A validade e a eficácia desse processo dependem do contexto político, das normas sociais e das percepções dos atores envolvidos. O sucesso da securitização é determinado pela capacidade do ator político em convencer a comunidade internacional e a população em geral de que a questão em evidência representa uma ameaça existencial e que é necessária uma atitude diferenciada para lidar com ela. Para tal, Wæver (1998) sustenta que

a ameaça existencial precisa ser argumentada e ganhar ressonância suficiente para que seja possível legitimar medidas emergenciais ou outras ações que não teriam sido possíveis se o discurso não tivesse assumido a forma de ameaças existenciais, ponto de não retorno e necessidade. Se não houver sinais desse tipo de aceitação, podemos falar apenas de uma tentativa de securitização, não de um objeto efetivamente sendo [bem-sucedidamente] securitizado (p. 25, tradução nossa).

Um exemplo de processo de securitização que busca engajar legitimação tanto interna quanto externa pode ser dado por um dos próprios atores em estudo neste trabalho: a China. O *White Paper*<sup>3</sup> chinês sobre o Ártico, documento publicado pelo governo chinês, busca através da linguagem estabelecer as intenções e interesses do país no Ártico, destacando sua importância estratégica, os desafios que enfrenta e as políticas que pretende implementar na região.

Ao utilizar o discurso presente no *White Paper*, a China pode estar buscando apresentar o Ártico como uma zona estratégica, e, portanto, uma área de relevância à segurança nacional chinesa. Através da narrativa de interesses e de ameaças, Beijing pode argumentar que sua presença e envolvimento na região são necessários para proteger seus interesses econômicos e preservar a estabilidade regional, assim alavancando uma pauta de securitização.

No entanto, é importante ressaltar que, como já mencionado, a securitização requer não apenas a argumentação da ameaça, mas também a aceitação dessa narrativa por parte dos outros atores relevantes. A aceitação e a legitimidade das reivindicações chinesas são temas que podem ser questionados tanto pelo próprio Partido Comunista Chinês quanto pela comunidade internacional. Portanto, o *White Paper* chinês pode ser considerado o princípio de uma percepção chinesa do Ártico como uma área "securitizável", mas a concordância quanto aos argumentos do país são questões em aberto que demandam o esforço de torná-la prioritária.

Oposto ao processo de securitização, há a dessecuritização, que ocorre quando uma questão previamente securitizada é reinterpretada e despojada de seu *status* de ameaça imediata à segurança. Para que a dessecuritização ocorra, é necessário haver um consenso ou acordo entre os atores políticos envolvidos de que a questão em voga não represente mais

---

<sup>3</sup> Um *white paper* é um tipo de documento informativo usado por governos, empresas e organizações para apresentar informações detalhadas e embasadas sobre um determinado assunto. Ele tem o objetivo de educar, informar e influenciar opiniões, fornecendo análises aprofundadas e soluções para problemas específicos.

uma ameaça existencial. Dessa forma, se a decisão de securitizar envolve tomar atitudes excepcionais para a resolução de uma condição, "o processo inverso de retirar esse evento do âmbito da segurança e levá-lo a ser tratado por meio da 'política normal' seria a sua dessecuritização" (WILLIAMS, 2012, p. 71 *apud* GÓES, 2019, p. 36).

Em síntese, a visão estabelecida acerca da securitização é aquela aceita como um processo fabricado, cuja comunicação é crucial na construção do entendimento de segurança e na mobilização de recursos para lidar com ameaças percebidas. A securitização, assim como a dessecuritização, desafia a noção tradicional de segurança como uma circunstância objetiva e destaca a importância das conjunturas políticas, dos *atos de fala* e das diretrizes governamentais na formação das percepções de segurança.

### 2.1.3 Complexos Regionais de Segurança

Os Complexos Regionais de Segurança são conjuntos de Estados interdependentes que estão geograficamente próximos e cujas políticas de segurança estão intimamente relacionadas. Nesse sentido, os Estados em um complexo regional de segurança compartilham desafios e preocupações de segurança semelhantes e estão envolvidos em interações contínuas que moldam suas compreensões e ações de segurança. A concepção do conceito esteve relacionada com a possibilidade de fornecer um quadro teórico para estudar a nova ordem do sistema internacional após o fim da Guerra-Fria (SADURSKI, 2022).

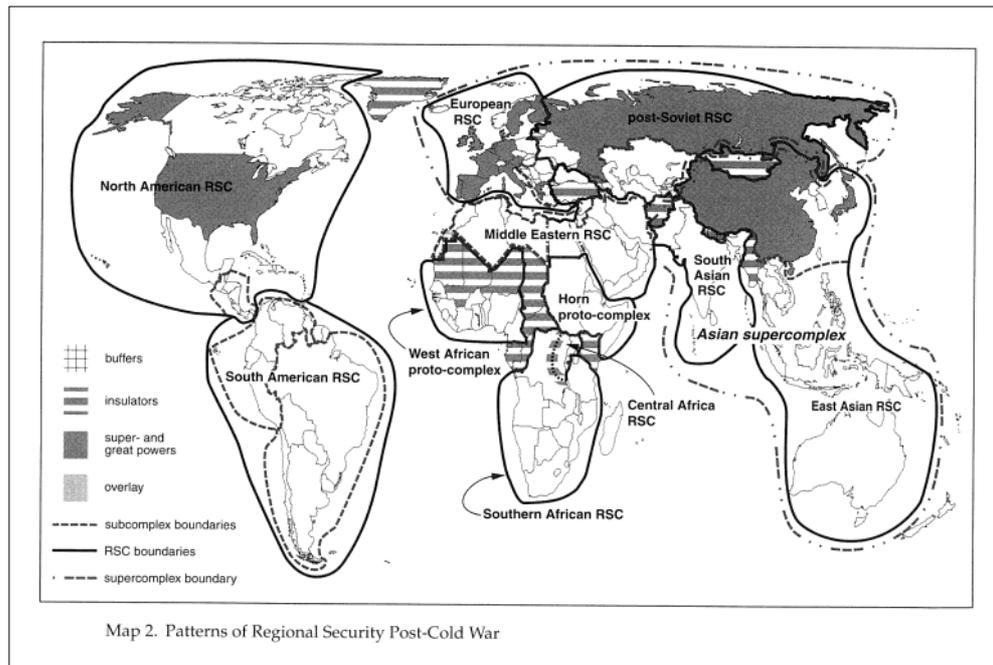
Os complexos regionais de segurança são caracterizados por uma estrutura de segurança específica, na qual as ameaças percebidas, as relações de poder, as normas e as instituições de segurança desempenham um papel central. A dinâmica securitária em um complexo regional pode ser moldada por conflitos passados, rivalidades históricas, instituições regionais, governanças compartilhadas e possíveis ações de securitização (WÆVER, 2003). Argumenta-se que as interações entre os Estados dentro de um complexo regional de segurança são cruciais para compreender a construção de dinâmicas e de identidades securitárias, bem como as possibilidades de cooperação ou conflito na região. A abordagem de uma perspectiva analítica regional, para além de uma estritamente nacional, vem da conjectura de Wæver (2003)

a segurança nacional [...] não é, por si só, um nível de análise significativo. Como as dinâmicas de segurança são intrinsecamente relacionais, a

segurança de uma nação não é autocontida. [...] Por outro lado, a região refere-se ao nível em que os estados ou outras unidades se conectam suficientemente próximos, de forma que suas seguranças não podem ser consideradas separadas umas das outras. O nível regional é onde os extremos da segurança nacional e global interagem e onde ocorre a maior parte das ações (p. 43, tradução nossa).

A segurança é construída e percebida de maneira distinta em diferentes regiões, almejando analisar a relação entre a China e a Rússia no Ártico à luz da teoria dos Complexos Regionais de Segurança (TCRS). Mesmo que a visão tradicional do TCRS não incluía explicitamente o Ártico como um palco de análise para a Rússia e a China dentro de um mesmo complexo regional, tal abordagem securitária, aplicada às mudanças encontradas no polo norte, pode auxiliar no entendimento da dinâmica entre os dois países.

**Figura 2** - Mapa dos Complexos Regionais de Segurança.



Fonte: Buzan e Wæver, 2003.

Dentro da região estudada, o Ártico, observamos a instituição de mecanismos intergovernamentais e normas de cooperação que buscam guiar o compartilhamento do espaço ártico entre os Estados costeiros. Instituições como o Conselho Ártico permitem que os países envolvidos discutam questões de interesse mútuo, como a proteção ambiental, a exploração de recursos naturais e a segurança regional. Como ilustrado pela Figura 2, a região ártica é segmentada pelos autores ao longo de três complexos regionais: o Norteamericano, o Europeu e o Pós-Soviético (BUZAN; WÆVER, 2003). No entanto, a dinâmica integrada da

emergente realidade político-econômica no polo norte permite o uso do recurso dessa teoria para compreender as ações tomadas pelos países concernidos na pesquisa, com o intuito de se posicionar favoravelmente dentro de suas esferas de influência regionais.

É nesse contexto que a China, como ator externo, busca participar da exploração e alega ter interesses nacionais na região (CHINA, 2018). Embora Beijing não esteja localizada geograficamente no Ártico, ela busca inserir-se em um subcomplexo ártico de securitização. Isso significa que há uma pretensão chinesa em se envolver ativamente nas discussões e nas decisões relacionadas à segurança do Ártico, argumentando que elas estão relacionadas com suas próprias necessidades de segurança e desenvolvimento.

Essa perspectiva destaca a importância de considerar as mudanças na região do Ártico e como elas podem impactar a segurança de diferentes atores, incluindo a China. Nesse sentido, a abordagem amplia o escopo teórico do TCRS, permitindo uma compreensão mais abrangente e atualizada das interações entre os atores no contexto deste trabalho. Nesse aspecto, a visualização dos complexos regionais de segurança, como abordados por Buzan e Wæver (2003), pretende, ao mesmo tempo, responder aos questionamentos buscados pela pesquisa e manter a conceitualização de que há uma segurança erguida comunalmente e enraizada em interações e relações entre Estados de uma determinada região.

## 2.2 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Este capítulo examinou a teoria da Escola de Copenhague de Barry Buzan e os principais conceitos pertinentes ao tema deste trabalho, que contribuem para a compreensão do tema em análise. A perspectiva construtivista copenhaguense de Buzan e de seus pares ensina que os Estados buscam assegurar sua segurança e, por extensão, sua sobrevivência, e que, ao defender seus interesses, que variam de acordo com cada perspectiva, podem adotar comportamentos excepcionais. Nesse contexto, emerge a relação da China e da Rússia com o Ártico, inicialmente de maneira individual e posteriormente de forma integrada, uma vez que cada país possui uma visão distinta sobre seus interesses na região. Portanto, compreendemos que, devido às diferentes percepções de cada Estado e às suas respectivas intenções em segui-las, uma potencial relutância a uma cooperação extensa pode ser justificada.

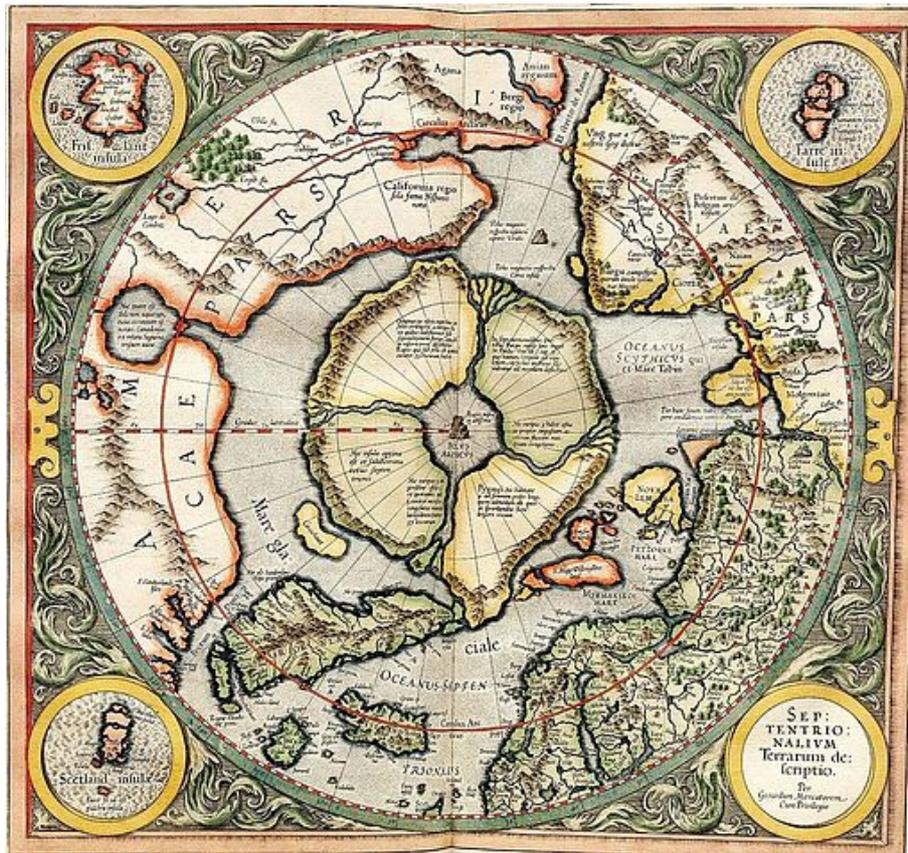
De tal forma, as fundamentações teóricas do capítulo puderam elucidar a compreensão da abrangência da esfera securitária de um país. Questionamos: como é possível que China e Rússia, potências com interesses a primeiro olhar convergentes, a exemplo do desenvolvimento do Ártico, possam, sob uma visão mais aprofundada, divergir em suas atitudes e provocar uma limitação à cooperação.

Além disso, o entendimento da concepção da segurança nacional possibilita explicar a resistência que cada parte da relação sino-russa vê, ao menos no curto prazo, em tomar parte dos projetos de ocupação setentrional. No próximo capítulo, serão apresentados aspectos importantes da formação histórica do Ártico, sua colocação dentre as potências da Era das Navegações à Guerra Fria e como a visão securitária russa foi construída dentro desse contexto.

### 3. ATUAÇÃO HISTÓRICA DAS PASSAGENS ÁRTICAS

De modo a suscitar a formação do Ártico em sua construção como cenário geopolítico para os atores que o entornam, este capítulo conta com dois momentos: de início, serão introduzidas as primeiras instâncias de percepção da região como passível de exploração, conquista e defesa (sobretudo pelo Estado russo, detentor de maior costa ártica). Em um segundo momento, a temática da exploração ártica será trazida para o século XX durante a Guerra Fria, quando a área ganharia mais proeminência dentro do conflito ideológico. Nesse contexto, serão descritas obras iniciais conduzidas pela União Soviética para o desenvolvimento de suas terras boreais como precursoras para os tópicos trazidos mais adiante no trabalho.

**Figura 3** - Primeira ilustração cartográfica da região ártica, publicada em 1595.



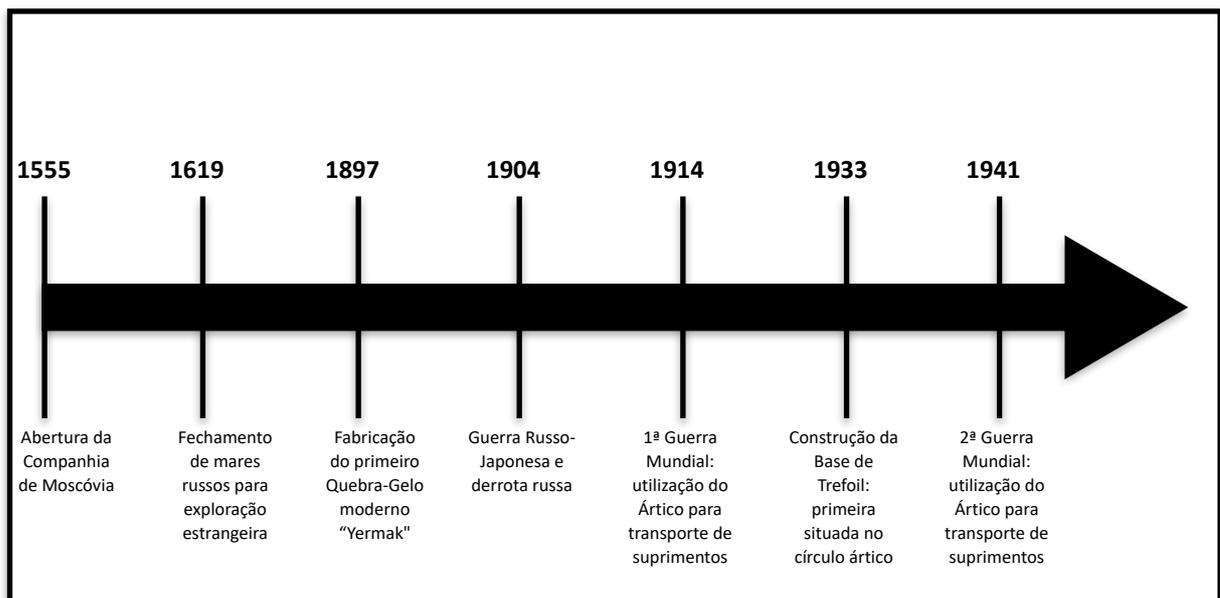
Fonte: Geographicus Antique Maps, 2023.

Durante a história da humanidade, povos urálicos, siberianos e inuites se depararam com a possibilidade de explorar as regiões mais setentrionais do globo terrestre, pelo fato de viverem no território e utilizarem dele para seu sustento. Nesse sentido, um reconhecimento

mais aprofundado do polo começaria a ser percebido a partir da renascença, quando monarcas e comerciantes europeus começariam a desvendar os potenciais econômicos que a região tinha a oferecer.

Os anseios exploratórios europeus estavam inicialmente voltados para a busca de oportunidades em rotas de navegação. Com o desenvolvimento da percepção de que seria possível contornar o globo terrestre, partindo dos portos europeus em direção aos do leste asiático, várias teorias surgiram, sugerindo que essa circunavegação poderia ser realizada pelo norte, acompanhando o Círculo Polar Ártico. Em 1555, foi fundada a Companhia de Moscóvia, com anuência do Grão-Ducado homônimo e do Reino da Inglaterra, cujo objetivo era facilitar o comércio entre as duas nações (GERSON, 1912). Nesse contexto, a Figura 2 a seguir apresenta uma linha do tempo de eventos específicos para a compreensão da situação do Ártico a partir do momento em que a Companhia de Moscóvia foi criada.

**Figura 4 - Linha do tempo dos eventos citados ocorridos no Ártico russo.**



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Gerson (1912); Keupp (2009); Hønneland (2015) e Laruelle (2013).

A cooperação entre o Grão-Ducado de Moscóvia e o Reino da Inglaterra propiciou uma maior descoberta nos mares do norte e o mapeamento da região. Nesse contexto, a primeira instância de um receio russo às incursões estrangeiras em suas águas setentrionais foi identificada em 1619, quando as autoridades do país, agora um império, decidiram fechar as navegações para além do Mar de Kara (KEUPP, 2009). Assim, pela primeira vez, a zona ártica passa a ser vista como uma região de importância estratégica para o Estado russo.

Nesse contexto, há também o reconhecimento dos possíveis ganhos econômicos e comerciais na zona de influência dos Czares<sup>4</sup>, assim como a percepção da ameaça representada pelos rivais de Moscou, o que levou à implementação de políticas de restrição de circulação. Enfrentando diversas disputas e ameaças existenciais, desde os poloneses-lituanos a oeste até os povos turcos a leste, o país passou a construir uma narrativa de defesa intransigente de seus recursos e rotas comerciais. Pela primeira vez, o Império Russo reconhecia as potenciais riquezas do Mar do Norte e como elas deveriam estar restritas aos ganhos de seu próprio Estado.

A exploração e reivindicação russa no Ártico acompanha a expansão do país durante a era moderna em direção ao oriente. Tecnologias de navegação mais sofisticadas permitem o melhor reconhecimento dos mares ao norte e, conforme Moscou expande a sua influência pela Sibéria, identifica-se um esforço semelhante em estender esse controle até a gélida tundra que acompanha o Oceano Ártico. O nascimento do quebra-gelos moderno, muitas vezes associado ao lançamento do Yermak russo em 1897 (RÚSSIA, 2009), entraria como parte da política do império, por permitir exercer maior presença na região. Nesse sentido, abre-se um leque de possibilidades a respeito de como as águas antes intransponíveis poderiam se comportar dali em diante.

Durante a virada do século, a rota ártica receberia atenção dos estadistas russos em outros âmbitos. Durante a Guerra Russo-Japonesa<sup>5</sup> de 1904, a frota naval russa estacionada no Mar Báltico viu-se obrigada a contornar o continente africano e os estreitos malaios no Sudeste Asiático para chegar aos palcos de batalha no Extremo Oriente. Devido ao longo trajeto e às condições precárias de navegação, o desempenho russo na guerra foi amplamente comprometido. Nesse contexto, a derrota humilhante da nação europeia para a emergente potência asiática reforçaria entre os estrategistas czaristas que o percurso boreal deveria integrar o cerne da política bélica russa (JUKES, 2002).

É possível traçar, nessa conjuntura, a necessidade que a Rússia, até aquele momento, teria de defender seu vasto e esparso território. Seja de outras nações coloniais na era das explorações ou de potências orientais às portas de suas fronteiras. A importância de

---

<sup>4</sup> Um Czar é um título utilizado historicamente para designar os imperadores autocráticos da Rússia.

<sup>5</sup> A Guerra Russo-Japonesa de 1904 foi um conflito entre o Império Russo e o Império Japonês por disputas territoriais na Manchúria e na Coreia. O Japão surpreendeu ao derrotar as forças russas, resultando no Tratado de Portsmouth e no fortalecimento do Japão como potência regional.

uma linha de defesa e navegação da rota do mar do norte (que era três vezes mais curta que o caminho percorrido pela frota do Báltico) foi de uma especulação de estadistas e empresários para uma necessidade estratégica do império.

Como consequência, a primeira circulação naval bélica ao longo da rota do norte seria registrada durante a Primeira Guerra Mundial. Durante o conflito, a Rússia usaria a rota do norte para transportar suprimentos para seus aliados na Europa, evitando as rotas convencionais que estavam sendo bloqueadas pelos alemães (HØNNELAND, 2015). A primeira base militar russa permanente estabelecida no Ártico se deu em 1933 com a construção da base de Tiksi, erguida com o intuito de apoiar as operações militares na região.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a rota do norte também desempenhou um papel crucial na estratégia militar soviética. Durante a vigência do pacto Molotov-Ribbentrop<sup>6</sup>, os russos escoltariam diversos navios alemães de seus centros de operações na Europa para aqueles no Oceano Pacífico. Assim, após a invasão nazista da União Soviética em 1941, a rota ártica tornou-se a única conexão marítima que permitia à União Soviética receber suprimentos militares e materiais vitais, como petróleo, dos Estados Unidos, seu aliado ocidental. (LARUELLE, 2013).

Nesse contexto, é possível identificar que o Ártico como peça geopolítica esteve presente nas decisões de governantes europeus por mais de cinco séculos. Nações do continente, especialmente a Rússia, expandiram-se considerando os potenciais ganhos da região boreal e a sua importância estratégica em conflitos de grande porte, como nas duas Guerras Mundiais, foi devidamente reconhecida. Na próxima seção, discutiremos como essas percepções do Ártico prosseguem em decorrência de sua posição estratégica. Será discutido, também, de que forma a União Soviética projetou-se nessa zona e, ainda, como o período da Guerra Fria instalou as fundações para o que foi posteriormente introduzido como “a corrida do Ártico do século XXI”.

### 3.1 O ÁRTICO DURANTE A GUERRA FRIA

---

<sup>6</sup> Molotov Ribbentrop: Acordo de não agressão assinado em 23 de agosto de 1939 entre a União Soviética e a Alemanha nazista. O pacto permitiu que a Alemanha iniciasse a Segunda Guerra Mundial sem se preocupar com uma possível intervenção soviética e, posteriormente, resultou na invasão conjunta da Polônia pelas duas nações em setembro de 1939.

Durante a Guerra Fria, a geopolítica do Ártico foi marcada pela competição entre os Estados Unidos e a União Soviética pelo controle da região, que se tornou um importante campo de batalha da corrida armamentista e da disputa ideológica entre os dois blocos. A região ártica foi considerada estratégica pelas superpotências devido à sua localização geográfica e às suas reservas de recursos naturais, como petróleo, gás natural e minerais. Além disso, o Ártico era visto como um importante corredor estratégico para o lançamento de mísseis nucleares e para a movimentação de navios e submarinos (GÓES, 2019).

Por conta da escalada das tensões, ambos os lados aumentaram sua presença militar na região, com a construção de bases militares, estações de radar e submarinos nucleares. A União Soviética, em particular, investiu significativamente na construção de bases militares e na modernização de sua frota nuclear, tornando-se uma das principais potências militares na região. O objetivo soviético era principalmente proteger seu território: grande parte de suas fronteiras com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) europeia estavam atrás de seus aliados do Pacto de Varsóvia, com exceção da Turquia. Enquanto isso, o fator que separava o cerne da U.R.S.S. da OTAN norte-americana era o Oceano Ártico, facilmente transponível por mísseis aéreos e sem estados-tampão aliados no caminho. Torna-se, portanto, na visão de Moscou, de imensa importância existencial a criação de uma linha de defesa para o país nessa frente boreal, assim possibilitando que o país neutralize qualquer vantagem estadunidense na região.

Com o decorrer da segunda metade do século XX, Moscou persistiu em sua expansão no polo. Dentre as instalações mais importantes estavam a base de Vorkuta, na península de Yamal; Olenegorsk, na península de Kola; Tiksi Norte, no golfo de Buor-Khaya e Dikson, no mar de Kara. A base de Vorkuta era usada para monitorar o espaço aéreo e a presença naval na região do Mar de Kara, enquanto a base de Olenegorsk era uma importante base de mísseis e também abrigava uma unidade de treinamento de pilotos de caça. Tiksi Norte abrigava submarinos nucleares e outros navios de guerra. Por fim, Dikson, estabelecida em 1956, foi construída em uma ilha com o intuito de servir de base de monitoramento e inteligência (LARUELLE, 2013). Pistas de pouso, como Nagurskoye, na ilha de Alexandra, e Temp, na ilha de Kotelny, foram de igual forma instaladas pelo comando soviético. A finalidade das pistas era permitir a implantação rápida de tropas e equipamentos em caso de necessidade (LARUELLE, 2013).

A construção das bases militares russas no Ártico pode ser vista como resultado da ameaça percebida pelos líderes soviéticos em relação às potências ocidentais, especialmente os Estados Unidos, durante a Guerra Fria. O difícil acesso e o clima extremo demonstram a persistência da União Soviética em estender sua presença militar no Ártico e garantir a segurança do seu território, principalmente diante da ameaça de uma possível invasão por parte de seus adversários. Essa construção da ameaça também pôde ser observada no fato de que, durante a Guerra Fria, as potências ocidentais, lideradas pelos Estados Unidos, de igual forma expandiram suas atividades militares em porções do Ártico controlada por elas, o que subsequentemente intensificou as tensões entre os dois blocos (HØNNELAND, 2016).

Possivelmente tão ou até mais impactante do que o assentamento militar da URSS no Ártico foram os seus testes nucleares conduzidos na região. Nesse sentido, o Ártico russo, caracterizado por seu isolamento, tornou-se o local ideal para a demonstração dos limites tecnológicos bélicos da humanidade. Os testes iniciaram-se na década de 1950 e continuaram até o início da década de 1990, a maioria deles foi realizada no solo, mas vários foram conduzidos no mar, havendo inclusive testes submarinos (KHALTURIN *et al.*, 2005).

O maior teste nuclear realizado pela União Soviética no Ártico foi o teste da Tsar Bomba, em outubro de 1961 na ilha de Nova Zembla. Com uma potência estimada em cerca de 50 megatons, foi o maior teste nuclear já realizado, e sua explosão foi sentida a milhares de quilômetros de distância. Além desse, houve outros experimentos notáveis, como o teste de Chagan, em 1965, em que uma explosão nuclear foi usada para criar um reservatório de água, e o teste de Saryshagan, em 1971, em que a União Soviética testou um míssil antimíssil (KHALTURIN *et al.*, 2005).

De acordo com Wendt (1992), as percepções e crenças dos Estados são fundamentais para a compreensão das dinâmicas e ações em relação a outros Estados. No caso dos testes nucleares no Ártico, é possível argumentar que a percepção da ameaça nuclear e a necessidade de demonstrar poder e força contribuíram para a contínua realização dos testes. Além disso, a busca por segurança e proteção em relação a outros Estados, como os Estados Unidos e outras potências nucleares ocidentais, pode ter influenciado a decisão de conduzir os testes no Ártico. Além do relativo isolamento e da segurança da região para experimentos de alta periculosidade, o mar era de certa forma exposto às rotas de aviação civil e militar do ocidente, permitindo assim uma melhor demonstração de poder por parte de Moscou.

Não obstante, o Ártico não somente experienciaria um enorme desenvolvimento na área militar, mas também encontraria a proliferação de complexos extrativos ao longo da Guerra Fria. Recursos naturais, como o petróleo, gás natural, ouro, prata, níquel, cobre e diamantes atraíram a atenção dos governantes soviéticos para a região (HØNNELAND, 2016). Dentre os minérios explorados no território, os principais seriam o petróleo e o gás natural, fontes motoras da crescente economia industrial da URSS. e, mais tarde, produtos com maiores potenciais de exportação de Moscou (HØNNELAND, 2016). Os mais notáveis sítios de extração de petróleo e gás seriam o campo de Pechora, na península de Kanin, e o campo de Urengoy, na península de Yamal. Além dos hidrocarbonetos, a União Soviética investiu em mineração de níquel e cobre. O Projeto Norilsk, por exemplo, foi iniciado na década de 1930 e tornou-se a maior mina de níquel do mundo. Norilsk até hoje é uma cidade considerada dentre as mais poluídas do mundo devido à atividade industrial (LAVELLE, 2021).

Diante das circunstâncias, é possível identificar a importância da extração mineral para a economia do Ártico e, em mais larga escala, para a manutenção do Estado soviético, que depende altamente dos recursos de lá extraídos. Norilsk e as demais cidades extrativistas do extremo norte oferecem péssima qualidade de vida aos seus moradores, no entanto, são procuradas pelas oportunidades de emprego e subsídio do governo soviético. Enquanto nação presente em um sistema bipolar de hegemonia, a demanda para os minérios árticos visava grandemente alimentar a indústria civil e bélica do sistema socialista.

A partir da década de 1980, surgem conexões entre os campos extrativos no extremo norte russo e a rede de abastecimento energética europeia. Em 1984, foi inaugurado o gasoduto de Urengoy-Pomary-Uzhgorod, transportando gás natural da Sibéria para a Europa Ocidental através da Ucrânia (HYDROCARBONS, 2023). Tal capacidade de produção e exportação trilhou o caminho para o desenvolvimento econômico da União Soviética e para a consolidação de sua posição dominante no mercado de energia europeu.

Nesse contexto, é possível dizer que o erguimento de gasodutos desempenhou um papel importante na dependência da Europa em relação ao gás natural soviético e, posteriormente, russo. Nesse sentido, o Kremlin tem usado essa dependência como uma ferramenta política em suas relações com a Europa e isso tem sido motivo de preocupação para muitos países europeus. Com a dissolução da União Soviética, em 1991, a Rússia

herdaria um grande setor de exploração de petróleo e gás natural, e desde então tem trabalhado para expandir sua presença no mercado global de energia. Moscou foi, durante o período pesquisado, o maior exportador de gás natural para a Europa, com muitos países europeus dependendo fortemente do gás russo para suas necessidades energéticas (EUROSTAT, 2011).

É de interesse ressaltar que, entre 1991 e 2007, o Ártico passaria por um processo de denotada dessecuritização: da queda da URSS, com suas preocupações e aspirações militares relacionadas ao Ártico cessando de existir, ao novo enfoque diplomático e militar na região sob o regime de Putin a partir de 2007, quando a Rússia plantou sua bandeira no fundo do oceano Ártico, é percebida uma desescalada militar, com uma relativa contração da presença militar russa na região (LARUELLE, 2013). Em vez disso, houve um redirecionamento das atenções para outras atribuições do Ártico, como pesquisa científica, conservação ambiental e extração de recursos primários. Esse contexto demonstra o processo de dessecuritização no qual o Ártico deixou de ser compreendido dentro de uma questão de segurança militar e passou a ser abordado de forma mais abrangente e multifacetada.

No entanto, como supracitado, a indubitável importância estratégica da região e a perspectiva de novas rotas e pontos de extração de recursos naturais criou novamente um terreno fértil para a militarização da região. A Federação Russa, juntamente com a OTAN, tem resumido no investimento da modernização e construção de novas instalações militares na região (HØNNELAND, 2016).

Nesse tópico, foi discutido que o Ártico, durante a Guerra Fria, foi um palco onde Moscou desenvolveu inseguranças existenciais em relação a si mesma e a outros atores internacionais. No primeiro caso, como o início da extração industrial de recursos da região permite que o governo russo, de natureza autoritária, financie seus projetos e garanta legitimidade entre o povo. Discutiui-se, também, como os mares do extremo norte configuram-se como uma janela aberta às demais nações circundantes, dada a transponibilidade de vias aéreas e, cada vez mais, de vias marítimas.

### 3.2 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Neste capítulo, exploramos a formação do Ártico como um cenário geopolítico ao longo da história, com foco nas percepções iniciais da região como passível de exploração, conquista e defesa. Inicialmente, foram suscitados brevemente os povos nativos e as monarquias europeias que reconheceram o potencial das regiões mais setentrionais do globo devido à sua localização geográfica e ao uso dessas terras para seu sustento e comércio. Em seguida, destacamos o papel do Ártico durante a Guerra Fria, quando a região ganhou proeminência na disputa ideológica e na corrida armamentista entre Estados Unidos e União Soviética. Descrevemos as iniciativas da União Soviética para desenvolver suas terras árticas como precursoras dos temas abordados posteriormente no trabalho.

Ao longo dos séculos, o Ártico desempenhou um papel geopolítico significativo, especialmente para a Rússia, que expandiu seu território considerando os benefícios da região e sua importância estratégica em grandes conflitos, como as Guerras Mundiais. Durante a Guerra Fria, a região foi marcada pela competição entre os Estados Unidos e a União Soviética, que aumentaram sua presença militar e investiram na construção de bases e modernização de suas frotas.

Ao analisar a evolução histórica, torna-se evidente que o Ártico se transformou em um palco geopolítico de relevância significativa. Além disso, foi constatada a estreita relação entre a Rússia e essa região, o que contribuiu para estabelecer o Estado russo como um ator que considera o Ártico como parte legítima de sua zona de influência. A presença ártica nas bordas da expansão do império russo em direção ao oriente, juntamente com os recursos e a localização geográfica da área, possibilitaram à Rússia, um Estado frequentemente tornado párea pelas potências ocidentais, obter renda por meio de seus recursos e, de certa forma, projetar seu poder, mesmo que em escala regional.

Nesse contexto, é necessário resgatar a Teoria dos Complexos Regionais de Segurança (TCRS) para dialogar com as questões de segurança consideradas dentro do contexto regional em que ocorrem. No caso do Ártico, os atores envolvidos, como a Rússia e outras nações árticas e de interesse na região, têm aspirações estratégicas, econômicas e de segurança que contribuem para a formação de um complexo de segurança regional específico.

A TCRS permite reconhecer a interdependência dos atores dentro do complexo de segurança regional, onde as ações de um ator podem afetar a segurança e os interesses dos outros. Nesse sentido, o estudo realizado ao longo do capítulo compreendem que as

motivações por trás de iniciativas em âmbito regional impactam na dinâmica da segurança e das relações entre os atores envolvidos. Desta forma, a perspectiva da TCRS auxilia na contextualização das ações individuais dos atores dentro de um quadro mais amplo de interações e interesses regionais.

Estabelece-se, portanto, a importância da economia e política ártica para o Estado russo e criam-se as bases para o próximo capítulo, em que serão observadas as obras recentes que a região recebeu e que podem elucidar a busca contemporânea do Kremlin em prover uma devida atenção à área.

#### 4. INICIATIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO ÁRTICO RUSSO

Este capítulo visa abordar os projetos localizados no Ártico russo durante o período estudado, com foco em dois momentos distintos. O primeiro momento irá se concentrar nas obras realizadas pelo governo russo de forma autônoma, ou seja, sem a participação estrangeira. O segundo momento irá se centrar nas iniciativas trazidas para a região por meio de parcerias com a China. Serão analisados os empreendimentos visando destacar a atividade na região, considerando os objetivos estratégicos dos atores envolvidos.

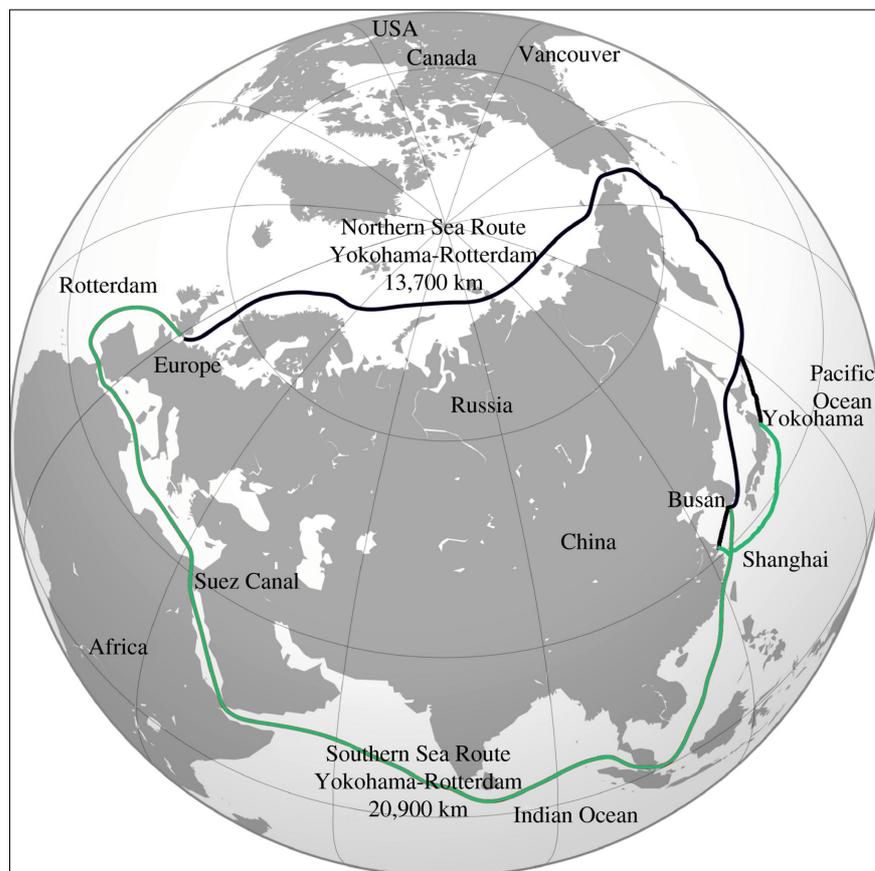
Durante os anos pesquisados, a Rússia incrementou fortemente a sua ocupação no Ártico. O período contou com elevados preços de *commodities*, como gás natural e petróleo, e, juntamente com o crescente consumo europeu partindo da inauguração de gasodutos nas décadas anteriores, Moscou vivenciaria um próspero período econômico. Em adição ao Gasoduto da Fraternidade em 1984, a Federação Russa veria dez anos mais tarde a inauguração da linha Yamal, partindo dos campos de extração em Bovanenkovo no extremo norte do país em direção à região central do continente europeu, alcançando a capital alemã, Berlim (HYDROCARBONS, 2023).

A aquisição europeia de recursos russos permaneceu crescente, quando a união econômica atingiu o patamar de 62% do total de importações, sendo representado pelo setor energético a um valor de 148 bilhões de Euros contabilizados naquele ano (EUROSAT, 2011). Constatados os valores promissores, o Kremlin, em cooperação com o Reichstag alemão, introduziu a linha Nord Stream 1 no mesmo ano, que partiria de Vyborg, próximo à São Petersburgo, em direção à Lubmin, na Pomerânia. O projeto incrementaria a capacidade de exportação do gás russo vindo do Ártico em 55 bilhões de metros cúbicos ao ano (RAMBØLL, 2006).

Concomitantemente, a China experimentou durante as primeiras décadas do século XXI um crescimento econômico exponencial e se tornou uma potência global em ascensão. Parte crucial de sua ilustre pujança econômica reside na capacidade do país de produzir e exportar produtos industrializados para o mercado global, sobretudo para os consumidores estadunidenses e europeus. Entre os anos de 2007 a 2022, segundo o portal ComTrade das Nações Unidas, a receita gerada pela exportação de bens da China para a União Europeia passou de 274 US\$ bilhões para 534 US\$ bilhões.

Por depender fortemente do setor exportador para seu crescimento econômico, o governo chinês delega grande prioridade para a segurança e rentabilidade de suas rotas comerciais, sobretudo aquelas destinadas aos seus maiores mercados consumidores. O tráfego de navios através dos gargalos do Estreito de Malaca e do Canal de Suez representam um ponto de atenção para a saúde da economia chinesa, uma vez que essas rotas permeiam inúmeros países que expõem a China a interferências de rivais geopolíticos (MYERS, 2023). Nesse sentido, uma hipotética rota comercial pelo norte global reduziria a influência que inúmeros Estados atualmente projetam sobre a República Popular. Por exemplo, a rota partindo de Xangai, maior porto chinês, para Roterdam, maior porto europeu, encurtaria em mais de 7.000 quilômetros se realizada pelo Ártico (Figura 5), significando consideráveis reduções em custos e tempo de transporte (VAN HUSSEN *et al.*, 2020).

**Figura 5** - Comparação de distância entre os trajetos da Rota do Mar do Norte e da Rota do Canal de Suez.



Fonte: Bekkers, François e Rojas-Romagosa (2016) *apud* Van Hussen *et al.* (2020).

Observa-se que tanto a Rússia quanto a China obtêm grandes benefícios ao explorar o Ártico. O acesso cada vez mais facilitado às regiões boreais evidenciou a Moscou a suma importância de investimentos no desenvolvimento da região, que pode, de igual forma,

crescer como *hub* logístico para o comércio global. Paralelamente, Beijing vê com olhos promissores a utilização de rotas que possibilitem a distribuição mais rentável de seus produtos para seus principais compradores. Para tal, a paulatina dependência russa dos fundos extraídos no extremo norte harmoniza devidamente com a necessidade insaciável de recursos naturais para a atividade industrial chinesa.

Adiante, serão ilustradas as principais obras logísticas, militares e extrativas que ocorreram no hiperbóreo russo dentro do intervalo analisado. Em primeiro momento, serão analisadas as obras realizadas autonomamente pelo governo russo. Elas demonstram como, por exemplo, o governo russo pretende defender e usufruir a sua vasta região estratégica, a princípio, sem parceria estrangeira. Posteriormente, serão verificados os empreendimentos conduzidos com colaboração chinesa. Sob essa luz, poderemos ilustrar o quanto o governo chinês considera o território do Ártico como uma potencial zona de denotado interesse nacional, de acordo com sua propensão a investir e em quais tipos de projetos.

#### 4.1 OBRAS RUSSAS INDEPENDENTES

A pesquisa identificou diversas iniciativas de desenvolvimento encabeçadas pelo governo russo independentemente. Nesse contexto, sabe-se que o investimento na região ártica recorre ao uso de valores encarecidos por conta do isolamento no qual as obras se encontram e pelos aspectos hostis da natureza polar, que acarretam custos de operação mais elevados.

Partindo de iniciativas logísticas, a Federação Russa está empenhada em expandir sua capacidade comercial ao longo do Mar Ártico. Nesse sentido, a perspectiva de a Rota do Mar do Norte se tornar um caminho viável para grandes navios cargueiros abre oportunidades para os portos russos na região projetarem os bens produzidos pelo país no mercado global. Portanto, é crucial expandir a capacidade logística de seus portos na região.

O porto de Dudinka, localizado no rio Yenisei, na Sibéria, é um importante porto fluvial que deságua na região do Ártico. Moscou, em parceria com a gigante de mineração Nornickel, planeja investir cerca de U\$355 milhões em instalações visando incrementar a capacidade portuária e facilitar o transporte de minério de ferro, cobre, níquel, metais preciosos e outros recursos da região (INDEX, 2022). A expansão do complexo portuário

configura o desejo do Kremlin de melhorar a conectividade da Sibéria através de vias marítimas, não apenas terrestres, a fim de fornecer uma rota de transporte mais eficiente para o leste da Ásia.

Além das obras portuárias, também é evidenciada a modernização e construção de novos aeroportos na região do Ártico. Um exemplo é o Aeroporto Internacional de Norilsk, que teve em 2013 sua renovação e ampliação iniciadas para atender ao crescente tráfego de passageiros e mercadorias na região, de acordo com informações disponíveis no site oficial da empresa (NORNICKEL, 2018). Algo que segue presente nessa obra em relação à anterior é a participação da empresa de mineração Nor Nickel, que informa em seu site oficial o investimento em 64 U\$ milhões do total dos 160 U\$ milhões investidos no projeto. A companhia é proprietária das instalações do aeroporto (NORNICKEL, 2018).

Obras terrestres incluem o trajeto entre a cidade de Salekhard e Nadym no território autônomo da Iamália-Nenetsia. O percurso total de estrada é de 344 km e foi inaugurado em 2020, após nove anos de construção nas inóspitas condições do ártico russo (SHIRA, 2020). Com a obra completa, foi reduzido o tempo de locomoção entre as duas cidades em três horas, o que caracteriza mais uma determinação de Moscou em ligar as comunidades contornando sua costa norte e desenvolver a conectividade na região (SHIRA, 2020).

Há, também, o considerável investimento do Kremlin em obras militares ao redor do Círculo Ártico. Isso reflete a necessidade do governo russo em proteger uma área de importância estratégica para a manutenção e projeção de seu poder. Afinal, à medida que a travessia pelo Ártico se torna mais fácil, há uma presença crescente de governos e corporações estrangeiras na região. É de suma importância para o governo russo garantir que quaisquer interferências externas estejam o mais alinhadas possível com seus próprios interesses.

A base militar de Nagurskoye, também conhecida como “Trefoil”, devido ao formato da construção principal em semelhança a um trevo de três folhas, obteve massivos investimentos de modernização e expansão seguindo a invasão russa da Crimeia. Localizada na Terra de Alexandra, Trefoil é considerada uma das construções militares mais modernas e bem equipadas da região, sendo um grande incremento das condições em que se encontrava previamente como uma pequena base aérea da era soviética (ISACHENKOV; MANENKOV, 2021).

Atualmente, a base militar de Nagurskoye está munida com uma pista de pouso capaz de acomodar aviões de grande porte, bem como instalações para abrigar tropas e equipamentos. A base também tem sistemas de defesa aérea e capacidades de inteligência e vigilância, o que sinaliza um uso tanto defensivo quanto ofensivo (ISACHENKOV; MANENKOV, 2021). A base de Tiksi, mencionada no capítulo anterior, está similarmente passando por um processo de modernização. Considerada um importante centro de logística e vigilância para a região do extremo oriente russo, é usada para apoiar as operações da Marinha russa na área. A modernização, segundo o Centro para Estudos Estratégicos e Internacionais, inclui a construção de novas instalações, como um centro de comando e controle, um hospital e alojamentos para as tropas (BERMUDEZ JUNIOR; CONLEY; MELINO, 2020).

Para além de investimentos em obras fixas, o governo russo aposta na expansão da frota de quebra-gelos. Uma vez que o gelo marítimo no extremo norte estiver fino o suficiente para as embarcações criarem caminho, elas se tornarão protagonistas na viabilização das rotas comerciais oceânicas, assim como na garantia de segurança no cruzamento de esquadras militares na região.

Entre os novos navios construídos pela Rússia, estão os pertencentes à linha Arktika e o quebra-gelo Viktor Chernomyrdin. A classe de quebra-gelos nucleares Arktika é a maior e mais poderosa quebra-gelo nuclear dentro da função (BRIGHAM, 2022). Diversas embarcações foram lançadas a partir da década de 1970, e a última a ser concluída iniciou as navegações no ano de 2007. O navio é movido por dois reatores nucleares e pode quebrar gelo com até três metros de espessura. A nova adição à frota russa, somada às outras cinco da mesma linha, servirão de companheiros aos demais navios em trânsito pelo Ártico e representam uma aposta do país em facilitar o transporte de carga na prevista rota marítima do norte (BRIGHAM, 2022).

Por fim, o quebra-gelo diesel-elétrico Viktor Chernomyrdin é uma embarcação de igual importância para a Rússia na região do Ártico. O navio tem capacidade para quebrar gelo com até 2,8 metros de espessura e pode transportar até 100 pessoas. Finalizado em 2020, ele foca sua atuação em águas rasas, onde também realizará a abertura de caminho para outros comboios comerciais (BRIGHAM, 2022).

No contexto das obras russas no Ártico, identificaremos a seguir elementos que abarcam a teoria trazida por Buzan, Wæver e de Wilde (1998). O investimento de consideráveis recursos financeiros por parte da Rússia na expansão de suas capacidades logísticas e militares na região do Ártico expõe a ambição de proteger seus interesses estratégicos, garantir a segurança e exercer controle sobre o território.

Ao empregar recursos em infraestruturas de cunho militar, como bases militares modernizadas e a expansão da frota de quebra-gelos, Moscou enquadra a região do Ártico como um espaço de segurança. Isso implica perceber a presença de governos e corporações estrangeiras na região como atores que confrontem a soberania russa, bem como aos seus interesses econômicos e estratégicos. Como aborda Wæver (1998), a percepção de vulnerabilidade *vis-à-vis* elementos externos torna-se um fator determinante na reavaliação das capacidades militares de um país. De acordo com o autor,

[...] a lógica das ameaças e vulnerabilidades entre duas unidades em um sistema internacional é uma função da interação entre suas respectivas capacidades militares e seu grau de amizade e inimizade, que são os resultados do processo de (des)securitização. Uma vez que o processo de securitização tenha estabelecido a inimizade como o quadro das relações, ameaças e vulnerabilidades serão percebidas principalmente em termos das capacidades militares de possíveis agressores. Ao fazer esses cálculos, tanto as capacidades absolutas dos oponentes quanto suas capacidades relativas às próprias devem ser levadas em conta. As capacidades absolutas dos atacantes potenciais determinam a natureza e a extensão das ameaças militares (WÆVER, 1998, p. 35, tradução nossa).

Deste modo, é importante observar que a Rússia está moldando a percepção da região do Ártico como uma área de alta importância estratégica. A vizinhança regional inteiramente pertencente ao bloco da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) leva o país a adotar medidas adicionais para proteger seus interesses e garantir sua segurança frente a potenciais ameaças percebidas. Assim, se a Rússia conseguir consolidar sua posição como corredor logístico vital dessas potenciais rotas marítimas, haverá a sumária necessidade de garantir que a rota esteja devidamente trazendo os benefícios econômicos e políticos que ela prevê. Caso contrário, ela corre o risco de relegar-se a uma posição secundária para atores regionais de peso econômico e político maior.

Nesse contexto, um exemplo da dinâmica securitária regional ártica, a partir da perspectiva russa, é um acontecimento que pôde ser observado no mês de maio de 2020: uma

frota composta por dois destróieres, um submarino atômico e uma aeronave de patrulha marítima dos Estados Unidos, juntamente com uma fragata britânica, afastaram-se de sua área de treinamento nos mares noruegueses e se dirigiram ao Mar de Barents, acompanhados por mais um destróier. Naquele momento, a Frota Russa do Norte, que mantém uma presença significativa no Mar de Barents, onde está sua base, foi informada sobre essa movimentação, porém, mesmo assim, realizou um exercício de torpedos em resposta à presença dos visitantes marítimos (THE ECONOMIST, 2020).

Esse episódio evidencia a percepção de securitização por parte do governo russo em relação às nações pertencentes à OTAN ao realizarem exercícios militares próximos às suas águas territoriais. Para a Rússia, a presença de países como Estados Unidos e Reino Unido nessas regiões indica uma possível contestação de suas reivindicações ao longo da Rota do Mar do Norte. A Rússia conta, atualmente, com uma área de mais de dois milhões de quilômetros quadrados reivindicados no Mar Ártico através da Comissão das Nações Unidas de Limites da Plataforma Continental, sendo que parte dessa área sobrepõe-se a reivindicações Canadenses e Dinamarquesas de mesma natureza (HAGER, 2023). Consciente da importância econômica dessa rota e de possíveis recursos presentes no subsolo marinho, Moscou visa tornar essa questão uma prioridade em sua política externa no Ártico.

A percepção das ameaças leva o Kremlin a aumentar sua militarização na região do Ártico, como ilustrado nas obras trazidas anteriormente no capítulo, e a realizar exercícios militares nos mares árticos (DEVYATKIN, 2017). Como resultado, o Mar Ártico está passando por um processo de crescente militarização, algo que não era observado desde o fim da Guerra Fria. A Rússia visa fortalecer sua presença militar e deixar claro aos demais atores internacionais que considera o Ártico como uma região estratégica de grande importância para seus interesses nacionais.

Por consequência, as obras logísticas e de infraestrutura civil, como a expansão de portos, aeroportos e estradas caem em um arcabouço securitário aos olhos do Kremlin. O enquadramento do desenvolvimento dessas obras como essenciais para promover a conectividade na região e garantir a segurança das rotas comerciais justifica a alocação de recursos significativos para essas obras, apresentando-as como medidas necessárias para proteger e fortalecer seus interesses no Ártico.

Neste tópico, fomos capazes de delimitar o Ártico como área de segurança nacional através dos exemplos de obras trazidos, como a retomada na construção da custosa infraestrutura militar e civil. O investimento em infraestrutura militar e a expansão da frota de quebra-gelos demonstram o uso de recursos militares e econômicos para afirmar a projeção russa no Ártico, enquanto isso, a preparação de portos e infraestruturas viárias e aéreas estabelecem o desejo de Moscou de fomentar demanda para os seus recursos e sua disponibilidade como rota marítima. A combinação das abordagens tanto militares quanto comerciais busca, assim, fortalecer a posição da Rússia no cenário ártico, em termos de segurança e de influência política e econômica.

#### 4.2 OBRAS RUSSAS COM PARCERIA CHINESA

A China tem demonstrado crescente interesse em investir em projetos de infraestrutura e recursos naturais na região ártica, principalmente mediante o advento da Rota Marítima do Norte, percurso de transporte marítimo que vem se tornando mais acessível devido ao derretimento do gelo no Ártico. A percepção chinesa do polo norte como zona de interesse estratégico reitera às lideranças do país a importância da aposta em obras e atenção na região.

Nesse contexto, um evento marcante da exploração comercial contemporânea na região foi quando, em 2018, a empresa estatal chinesa *COSCO Shipping Corporation* realizou um teste de transporte de carga utilizando trajeto setentrional, cumprindo um marco significativo na crescente participação da República Popular na região (HUMPERT, 2019). Para além de avanços no transporte marítimo, Beijing fomenta sua presença por meio de obras de infraestrutura e de extração relevantes no extremo norte russo. O Gasoduto Rússia-China, também conhecido como Força da Sibéria, é um grande projeto de infraestrutura energética que conecta a Rússia e a China por meio de um sistema de gasodutos. A linha de gás é composta por três ramais que transportam Gás Natural Liquefeito (GNL) através da Sibéria Oriental até a fronteira sino-russa, onde ele se conecta à rede chinesa de gasodutos (CHENG, 2022).

O projeto foi assinado em 2014, após mais de uma década de negociações entre os dois países, e entrou em operação em dezembro de 2019. Segundo informações do portal das empresas por trás da construção das linhas, o gasoduto tem uma extensão total de 3.968

quilômetros e é capaz de transportar 61 bilhões de metros cúbicos de gás natural por ano. De 2019 a 2022, segundo reportagem da Reuters, os valores arrecadados pelo governo russo com a venda de gás através dos gasodutos já somam US\$ 3,81 bilhões, em contrapartida com os US\$ 55 bilhões investidos pela Rússia em sua construção (STAFF, 2015). Tal obra foi recebida de braços abertos pela economia russa, cuja busca por diversificação de seus parceiros comerciais em meio a sanções internacionais e preços instáveis do petróleo tem se revelado imprescindível para o seu bom funcionamento. Simultaneamente, para a China, o gasoduto representa uma importante fonte de energia para alimentar seu crescimento econômico e reduzir sua dependência de carvão (LAWRENCE, 2011).

Para além do gás e do petróleo, o carvão representa da mesma forma uma importância nas demandas energéticas chinesas. A estatal *China International Trust and Investment Corporation* (CITIC) adquiriu, em 2015, por cerca de 1 US\$ bilhão uma mina de carvão na região da Transbaicália, localizada na região da Sibéria Oriental, e, desde então, tem sido operada por sua subsidiária CITIC Resources. Segundo estimativas oficiais da empresa, a mina de Transbaicália tem reservas estimadas de carvão de alta qualidade em torno de 670 milhões de toneladas e é uma das maiores jazidas do mineral na Rússia (CITIC, 2015).

Dentre os investimentos da empresa chinesa, segundo constatado em seu site oficial, estão a modernização de equipamentos de extração e o incremento da produção anual de carvão para 12 milhões de toneladas até 2023, visando atender à crescente demanda do minério na China (CITIC, 2015). Sincronicamente aos projetos voltados ao setor energético, foram identificadas obras de infraestrutura com notável participação chinesa ao longo da percebida Rota Marítima do Norte. Esses servem de importante fonte para o escoamento da produção russa e um seguro investimento em um potencial corredor comercial futuro pela China e são elencados a seguir.

O porto de Sabetta, localizado no Mar de Kara, na península de Yamal, que dá nome ao gasoduto previamente mencionado, recebeu importantes investimentos em sua infraestrutura portuária visando facilitar o escoamento do gás natural liquefeito extraído na região (LOUPPOVA, 2018). Ele teve sua construção iniciada em 2013 mediante uma *joint-venture* entre a sócia majoritária russa Novatek, a gigante de energia francesa Total, a petrolífera chinesa *China National Petroleum Corporation* (CNPC) e o fundo de investimento

chinês Silk Road Fund. Ao todo, 30% da obra é financiada pela China e a primeira fase dos projetos foi concluída em 2017 (LOUPPOVA, 2018).

A proposta, segundo a CNPC, operadora das obras, é de expandir a capacidade de manipulação de gás natural liquefeito anualmente para até 30 milhões de toneladas e de implementar um terminal de armazenamento de GNL com capacidade de 1,5 milhão de metros cúbicos de gás. Para mais, o porto possui conexão férrea com a rede de transportes russa e um aeroporto nas proximidades, permitindo o transporte eficiente de suprimentos e pessoal para as instalações de produção de gás na região (LOUPPOVA, 2018). A expansão promete configurar uma importante peça na capacidade de exportação via marítima dos campos de gás e petróleo na península.

Ademais o porto de Arkhangelsk, mais próximo do continente europeu, recebe grandes montantes de investimento em sua infraestrutura. A liderança da cidade e província homônima firmaram em 2016 com a *holding* chinesa Poly International Group um acordo de US\$ 5,5 bilhões para a expansão do porto a fim de torná-lo o maior do ártico russo (NIELSEN, 2017). Segundo a administradora do corredor logístico, as obras incluem a construção de um novo cais a 55 quilômetros de distância da cidade-sede e a ampliação da capacidade de carga para sustentar 30 milhões ao ano. *Hub* de gasodutos e de linhas ferroviárias vindas dos Urais, Arkhangelsk deseja melhorar sua conectividade entre a Rússia e a Europa, bem como fornecer uma rota de transporte mais eficiente para a região do Ártico (NIELSEN, 2017). Em entrevista oficial, o governador do estado homônimo constatou que “a República Popular da China é para nós um parceiro chave na implementação de projetos do Ártico” (TASS, 2017, n.p.).

Aplicando uma visão teórica das obras, no caso da China, seu interesse em investir em projetos de infraestrutura e recursos naturais na região ártica, como a Rota Marítima do Norte e a aquisição da mina de carvão, reflete sua busca por recursos e energia para sustentar seu crescimento econômico. Tais investimentos visam garantir a crescente demanda do país por energia e reduzir sua dependência em recursos que venham de lugares mais distantes e que atravessem gargalos de navegação. Nesse contexto, segundo relatório trazido pela *International Energy Agency* (IEA), em 2019, 44% do petróleo importado para a economia chinesa procedia de países do Golfo Pérsico e a rota para os portos chineses teria de percorrer pontos contenciosos, como os estreitos de Ormuz e de Málaca (IEA, 2019).

Como resultado, a China percebe no Ártico uma zona de interesse estratégica, principalmente devido à abundância de recursos aliada a crescente acessibilidade extrativa proporcionada pelo derretimento de depósitos glaciais. As obras identificadas com parceria chinesa — como a aquisição da mina de carvão Transbaicália e as que permitem mais fácil acesso do gás e petróleo russo ao mercado chinês — visam simplificar o percurso de fontes energéticas à economia do país, assim mantendo-a bem abastecida e, portanto, competitiva. Nesse sentido, é possível identificar na região do Ártico um aspecto de zona que garante segurança energética à China, fator que, segundo Buzan (1998) poderá requerer ações para proteger interesses nacionais. Como desenvolve o autor,

a menos que um estado seja autossuficiente nos recursos necessários para alimentar sua população e indústria, ele precisa ter acesso a suprimentos externos. Se essa necessidade estiver ameaçada, a economia nacional pode ser claramente e legitimamente securitizada (BUZAN, 1998, p. 105, tradução nossa).

Na conjuntura apresentada ao longo do tópico, Beijing desempenhou um papel significativo ao focar seus esforços em obras que integrassem os recursos do Ártico russo à sua rede de demanda industrial e energética, com investimentos em extração e transporte de gás natural e carvão. Além disso, a China se posiciona como um importante parceiro estratégico para a Rússia, como evidenciado pela construção do Gasoduto Rússia-China e os investimentos em infraestrutura portuária, que visam diversificar os parceiros comerciais russos e contornar as sanções internacionais impostas ao país.

#### 4.3 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

No decorrer do capítulo, abordamos os projetos localizados no Ártico russo durante o período estudado, com foco em dois momentos distintos: as obras realizadas pelo governo russo independentemente e as iniciativas trazidas para a região com cooperação chinesa. Foi destacado inicialmente o crescimento econômico da Rússia impulsionado pelos elevados preços de *commodities* e o fortalecimento da posição russa como provedora de energia para a Europa.

Posteriormente, foram descritos os projetos realizados pelo governo russo, abrangendo obras logísticas e militares. Esses investimentos reforçam a importância estratégica que a Rússia denota ao Ártico e a necessidade que o país enxerga em proteger seus interesses e

garantir sua soberania na região. Por meio desses projetos, a Rússia busca fortalecer sua presença e conectividade na região, além de facilitar o transporte de recursos naturais e mercadorias para o mercado global.

Avaliando a expansão econômica considerável da China e sua demanda por rotas comerciais seguras e lucrativas para seus principais mercados, a parceria com o país asiático também foi examinada. O Ártico oferece uma rota alternativa, potencialmente mais curta e menos suscetível a influências geopolíticas, o que desperta o interesse de investimento chinês nessa região. De mesma forma, foi identificado o potencial energético que Beijing reconhece na região, o acesso aos recursos de petróleo e gás natural garantem à China uma fonte diversificada para sua matriz energética.

Embora a pesquisa tenha revelado uma ampla gama de obras na região, é importante ressaltar que sua natureza primordial era extrativa, voltada principalmente para atender às demandas específicas de *commodities* e insumos energéticos. Paralelamente, tem havido um movimento crescente em direção à militarização do Ártico, com a Rússia iniciando esforços para conectar suas áreas setentrionais. No entanto, é notável que as obras identificadas atendem de maneira significativa ao potencial extrativo da região, priorizando-o sobre as oportunidades comerciais. No próximo capítulo, serão examinados os projetos apresentados a fim de analisar os propósitos geoestratégicos dos atores envolvidos, visando contribuir para a obtenção da resposta da pesquisa.

## 5. PERSPECTIVAS SECURITÁRIAS PARA A REGIÃO

Neste capítulo, os projetos ocorridos na região do Ártico russo durante o período estudado serão utilizados para complementar a hipótese da pesquisa. O enfoque será dado a dois elementos de análise, considerando os principais atores interessados em aprofundar sua inserção no escopo geoestratégico internacional da região ártica: a Rússia, objeto de análise de fato inserido no polo norte; e a China, parceria de Moscou e aspirante a maiores projeções na região.

Nesse contexto, a cooperação entre Rússia e China na exploração da região do Ártico é vista como uma oportunidade de investimentos, mas gera preocupações sobre a crescente influência chinesa e o risco de Moscou tornar-se um exportador de matéria-prima e perder soberania na região. A China busca expandir sua influência geopolítica no Ártico e promover a cooperação multilateral na região, mas tem cautela quanto ao investimento de seus recursos em grandes obras no vasto Ártico russo e foca em projetos de extração mineral e exportação de recursos naturais ao mercado chinês.

Por isso, nesse capítulo, será discutida, primeiramente, a visão russa a respeito da parceria russo-chinesa para o desenvolvimento do Ártico e as preocupações em Moscou sobre suas implicações para a segurança nacional. Em seguida, será abordada a cooperação através das lentes da República Popular e sua busca por rotas de comércio e recursos naturais mais vantajosos para sua economia.

### 5.1 PERSPECTIVA RUSSA DA PARCERIA

Observemos, através das lentes teóricas trazidas, a dicotomia que Moscou vivencia. Antes, porém, é necessário introduzir quais são os fatores entrelaçados aos movimentos observados durante a elaboração da pesquisa: o regime de Putin e a própria existência da Federação Russa. Ambas as situações buscam, primordialmente, garantir sua continuidade.

Sobre a manutenção do regime de Putin, devemos partir do princípio que a garantia da vigência de um regime crescentemente autoritário não é um fenômeno isolado dentro da política russa. O aparato estatal que defende um governante forte necessita de alianças intragovernamentais, sobretudo sobre indivíduos e instituições a comando das principais áreas da economia, com maior influência dentro do Estado. Nesse contexto, Putin está em um lugar,

ao mesmo tempo, de colaborador e de refém dos célebres oligarcas russos. Um notável exemplo seria Vladimir Potanin, CEO da Nor Nickel e próximo ao regime de Putin, que possui considerável participação sobre a legitimidade do governante (BUSINESS, 2008).

Em se tratando do movimento em busca da continuidade do Estado russo, estabeleceu-se grande importância nas atividades mencionadas ao longo dos estudos de exportação de matéria-prima. Por conta da vastidão do território e da esparsidade da população russa qualquer necessidade de manutenção de uma coesão nacional se torna mais custosa. São necessários, nesse contexto, tanto uma economia que sustente a pesada manutenção do Estado quanto um governo que possa manter sua sociedade unida em uma só bandeira.

Subsequente à queda da União Soviética em 1991, a economia russa regrediu enormemente, igualmente com sua capacidade de manter uma coesão nacional. Em poucos anos, inúmeras repúblicas independentes se desmembraram do centro de gravidade russo e até iniciariam seu processo de serem absorvidas por outras esferas de influência, como os países do leste europeu com as organizações ocidentais da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e União Europeia. Com o amplo enfraquecimento das bases econômicas e sociais russas, ao ponto de o país deixar de ser considerado uma potência de relevância comparável aos Estados Unidos, o país passaria a trilhar caminhos para reverter esse processo de erosão nacional.

Parte desse processo de retomada viria com a arrecadação provinda da exportação das abundantes jazidas de gás e petróleo da região ártica, cujas companhias extrativistas, agora nas mãos do capital privado, levariam ao nascimento das famílias dos oligarcas russos (BUSINESS, 2008). Uma vez com os recursos econômicos garantidos, um material social deveria ser construído a fim de manter o povo da Federação Russa fiel a Moscou. A figura que consegue trazer essa união é Putin, que com sua retórica anti-ocidental e nacionalista cria um discurso adaptável aos russos e não-russos do país, unindo-os no Estado russo contemporâneo (MYERS, 2015).

De acordo com os fatores até aqui analisados, observa-se como a Rússia deposita alta relevância na atividade primária de extração e secundária de transformação, uma vez que a exportação de tais mercadorias custeia as estradas, os portos e os edifícios que mantêm o país coeso, assim como alimenta o regime que sustenta sua coesão social. Dessa forma, qualquer ameaça ao setor primário e de transformação não apenas representaria um enorme impacto na

vida do cidadão russo comum, mas também significaria uma ameaça existencial ao Estado russo em si. É possível ilustrar uma característica singular da segurança russa: adquirir uma garantia de existência ao interagir com agentes externos, mas ao mesmo tempo teme tornar-se a parte mais vulnerável das relações em que se insere.

Moscou está disposta a capitalizar a abertura das vias marítimas ao seu norte. É inegável a imprescindibilidade de capital e recursos tecnológicos para concretizar planos mais compreensivos de extração e infraestrutura na região, aumentar o comércio ao longo da região e equilibrar a influência ocidental, especialmente com a crescente ameaça de tensões entre a Rússia e os países ocidentais. Nesse sentido, a cooperação encontrada com a China é percebida como uma maneira de incrementar a capacidade do Kremlin em recorrer aos recursos necessários para o estabelecimento de uma boa infraestrutura ártica (HUMPERT, 2011).

Concomitante a isso, a Rússia não deixará de reforçar seu compromisso com a defesa de sua integridade territorial. Como demarcado pela análise dos Fundamentos da Política Estatal da Federação Russa para o Ártico, publicado em 2001 pelo Instituto do Ártico, a política oficial do país para a região recebeu inúmeras alterações ao longo das últimas duas décadas, visando incluir amplamente o tópico da remilitarização da região (DEVYATKIN, 2017). Atualmente, o documento oficial reforça o compromisso russo em aportar ao território a infraestrutura necessária para possibilitar o país de defender a si mesmo e aos seus aliados (RÚSSIA, 2001 *apud* DEVYATKIN, 2017).

A parceira russo-chinesa, no entanto, como qualquer relação que Moscou estabelece, não vem sem ressalvas. Para a Rússia, a aliança com Beijing possui uma visão ambígua. A parceria russo-chinesa para o desenvolvimento do Ártico, sob essa luz, gera um compreensivo debate em Moscou, especialmente em relação às suas implicações para a segurança nacional. Enquanto a Rússia vê essa aliança como uma oportunidade para obter investimentos e recursos para a exploração da região, há preocupações sobre a crescente influência da China e seu possível uso dessa cooperação para obter acesso aos recursos do Ártico e, assim, expandir sua presença na área.

Persistem preocupações nas esferas do governo russo a respeito da possibilidade de a China aproveitar sua presença em obras e investimentos ao longo da Rússia setentrional com o fim de expandir sua influência no Ártico. Teme-se, igualmente, que essa interferência possa

delegar Moscou a uma posição de membro dependente dentro das negociações para a região. Nesse sentido, o temor-chave de setores políticos e econômicos russos é de que uma sujeição excessiva na China leve a uma perda de soberania da Rússia sobre a região (SHARMA; SINHA, 2023).

Nesse contexto, o comportamento temerário russo em uma alta dependência com o governo chinês se traduz na relutância em ser cooptado a tomar suas decisões sob influência de Beijing. Além disso, a maneira como o hiperbóreo vem incorporado um espaço de crescente segurança para os Estados que o entornam, em relação ao controle de seus recursos naturais e passagens comerciais, motiva a Rússia a empenhar-se em se manter alinhada primordialmente aos seus próprios objetivos.

A Rússia, por exemplo, possui fortes reivindicações em porções significativas do Ártico marinho como zona econômica exclusiva, e uma permanência chinesa afincada pode tanto legitimar quanto contestar tais reivindicações (HUMPERT, 2023). Como abordado na Figura 6, a área contestada pela Rússia (verde) sobrepõe-se a seções de reivindicação dinamarquesa (vermelho) e canadense (azul).

**Figura 6** - Mapa das reivindicações marítimas das nações circundantes ao Oceano Ártico.



Fonte: The Economist, 2014.

Embora a cooperação entre a China e a Rússia possa trazer benefícios econômicos mútuos, há preocupações entre os tomadores de decisão a respeito dos limites que a parceria pode atingir antes de se tornar uma relação de dependência em detrimento de Moscou (SHARMA; SINHA, 2023). Com isso, a crescente influência da chinesa na região e o potencial usufruto de dita influência pode, enfim, limitar as capacidades russas de se beneficiar de seus próprios recursos e da presença na área.

A exploração dos recursos e o comércio na região ártica desempenham um papel crucial na manutenção e no fortalecimento do estado russo como uma potência de relevância internacional. A Rússia tem o potencial de arrecadar consideráveis receitas com a extração de recursos naturais na área, bem como expandir suas rotas comerciais, o que impulsiona sua economia e aumenta sua influência global. No entanto, apesar dos benefícios econômicos, é preciso considerar as ameaças à segurança e à soberania da Rússia. Ao entrar em uma relação desigual com a China, há o risco de comprometer sua capacidade de abordar fatores que possam representar uma ameaça existencial ao país. A China, por sua vez, ao exercer uma influência crescente na região, buscará explorar seus investimentos e presença para cumprir sua própria agenda. Conforme defendem Lackenbauer, Lajeunesse e Dean (2022),

o Kremlin enxerga o Ártico, incluindo a rota marítima do norte, como sendo firmemente inserido dentro de sua esfera de influência; a região está no cerne dos interesses de segurança nacional de Moscou e representa um importante pilar para a economia e o desenvolvimento futuro da Rússia. Dada esta perspectiva, a Rússia irá reagir prontamente a qualquer percepção de influência que ameace esta posição. Até o momento, muitos especialistas russos afirmam que seu governo não aceita o mote da Rota da Seda Polar, que de forma sucinta resume a rota marítima do norte a uma iniciativa empreendida pela China. Moscou, portanto, adotou uma posição cooperativa, dada a necessidade de investimento chinês na região, porém recusa a considerar Beijing como igual (n. p., tradução nossa).

A manutenção da soberania é uma preocupação fundamental para qualquer nação, especialmente para a Rússia a mando de Putin, dada a importância estratégica do Ártico e suas implicações para a política de defesa e segurança nacional. Portanto, está sendo essencial para o Kremlin avaliar cuidadosamente os riscos associados à parceria com a China e buscar um equilíbrio entre os benefícios econômicos de curto prazo e a preservação de sua independência a longo prazo. Ademais, é crucial que a Rússia não comprometa sua capacidade de enfrentar questões internas em troca dos benefícios gerados pela exploração atual do Ártico. É preciso ponderar cuidadosamente os desafios e riscos envolvidos,

considerando a manutenção da segurança e soberania nacional como prioridades fundamentais.

## 5.2 PERSPECTIVA CHINESA DA PARCERIA

Trazendo a lente securitária para a China, conseguimos traçar um paralelo entre a narrativa com a qual introduzimos essas questões dentro do contexto russo e agora. Beijing de igual forma teme por sua colocação dentro do sistema internacional, porém referenciais diferentes configuram no país asiático assuntos de premente ação. No lugar do regime de Putin, observamos o regime do Partido Comunista Chinês (PCC), encabeçado por Xi Jiping, e, no lugar da coesão social da Federação Russa, vemos o objetivo chinês em se tornar um país de alta renda, com capacidade de rivalizar com os Estados Unidos.

As preocupações securitárias primárias observadas pelo PCC são a manutenção de sua legitimidade como governantes do povo chinês e a garantia de constante crescimento para custear os projetos de propulsão nacional na comunidade global.

Nesse sentido, o crescimento econômico que o PCC provê, gera legitimidade aos olhos do povo chinês que, em troca de menos liberdades, goza de crescentes padrões de vida: uma instância de possível securitização do setor econômico. Como apresenta Buzan (1998),

as tentativas mais fortes de securitizar a economia são aquelas que deixam claro que, embora isso seja uma questão de perda econômica e, portanto, parte das atividades comerciais normais, trata-se não apenas de uma questão de grau, mas sim de um possível colapso do bem-estar (p. 102, tradução nossa).

No entanto, o setor econômico e suas questões securitárias podem ser facilmente incorporadas nas preocupações de outros setores. Na perspectiva chinesa, a falha ao atingir um patamar econômico desejado pode significar crescente descontentamento entre a população e apelos por mudanças estruturais de regime. Assim, a garantia de prosperidade econômica é grandemente interligada com a garantia de estabilidade política aos olhos de Beijing.

Nesse contexto, a China prevê que a parceria com seus vizinhos ao norte seja vista como um caminho para auxiliá-los com os obstáculos que o país enfrenta na obtenção de recursos naturais em outras partes do mundo. O interesse do governo chinês se configura tanto em rotas comerciais mais rápidas quanto em acesso a diferentes jazidas minerais, uma

vez que elas garantiriam menores preços de consumo e produção ao mercado interno e de exportação chineses.

Como discutido anteriormente, é vantajoso para Beijing que haja acesso a fontes de abastecimento energético, setor particularmente importante para a China, posicionada como a maior consumidora mundial, com uma demanda de cerca de 8.310 terawatts/hora em 2021 (ENERDATA, 2023). A China está também no topo de países por renda por exportação, US\$ 3,55 trilhões em 2021, segundo (WORLD BANK, 2023), e, portanto, almeja maneiras de garantir sua segurança energética e econômica a longo prazo. Dessa forma, é do interesse chinês participar de projetos de energia por todo o mundo, bem como investir em infraestrutura energética em países estratégicos como a Rússia.

Beijing não está apenas disposto em expandir o seu escopo econômico e logístico no Ártico, mas também almeja utilizá-lo como palco para expor o seu crescente poderio diplomático. Conforme mencionado previamente, o governo chinês divulgou oficialmente em janeiro de 2018 a *China's Arctic Policy*, de forma a legitimar suas intenções no Ártico e estabelecer o posicionamento do país em relação à sua política para a região. O documento demarca a significância da região para a China devido aos citados recursos naturais, rotas de navegação marítima e oportunidades de cooperação científica e tecnológica. Beijing deseja intensificar sua presença científica no círculo ártico e a vê como uma oportunidade para garantir o acesso aos recursos naturais da região e expandir seus interesses comerciais a nível global (CHINA, 2018).

No entanto, é relevante citar os receios chineses quanto à associação com a Rússia para o desenvolvimento do Ártico nos projetos levantados. Como mencionado anteriormente, identifica-se apreensão do governo russo sobre o grande volume de capital chinês no seu extremo norte, bem como a possível dependência que isso pode acarretar. Por consequência, identificamos uma China mais disposta em ação multilateral na região ártica, abarcando em angariar parcerias científicas e diplomáticas com outros atores da região igualmente.

Um exemplo é a realização de um acordo de livre comércio com a Islândia em 2013 e a subsequente construção de uma base de pesquisa no país insular em 2018 (SCHREIBER, 2018). Ademais, a China tem investido em uma linha própria de quebra-gelos, adquirindo embarcações estrangeiras e desenvolvendo a própria produção. O objetivo de Beijing, nesse contexto, é montar seu primeiro navio movido a energia atômica (HOLZ *et al.*, 2022). Nota-

se, assim, a natureza independente do país em buscar realizar seus objetivos científicos na região, como é indicado pelo relatório “Explorando as Relações entre o Investimento Chinês no Ártico e sua Estratégia Nacional” (2022).

Devido aos fatores levantados, identifica-se uma cautela chinesa quanto ao investimento de seus recursos em grandes obras no vasto Ártico russo. Amostras como o gasoduto Força da Sibéria, bem como os pontos de distribuição de Gás Natural Liquefeito (GNL) na península de Yamal, reforçam que as obras conduzidas com anuência do governo chinês resumem-se em projetos pontuais de extração mineral. Esse tipo de projeto visa suprir a necessidade energética imediata do país, enquanto obras voltadas à infraestrutura são focadas na exportação de tais recursos naturais ao mercado chinês e não à conexão da região em um sistema comercial.

### 5.3 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Neste capítulo, foram abordadas as percepções concebidas na região do Ártico russo durante o período estudado. O foco é dado aos dois elementos de análise: a Rússia, como ator inserido no polo norte, e a China, como parceira de Moscou e aspirante a maiores projeções na região.

Em primeira instância, o Kremlin vê a cooperação entre Rússia e China na exploração da região do Ártico como uma oportunidade de investimentos, mas também verificam-se aflições sobre uma crescente influência chinesa e o risco de Moscou ter sua soberania na região enfraquecida, prejudicando os potenciais ganhos que o país tem a receber da área. A percepção russa da parceria é analisada levando em consideração fatores como a manutenção do regime de Putin e a manutenção da coesão da Federação Russa. O aparato estatal russo, assim como as aspirações expansivas do governo russo demandam consideráveis fontes de renda, ainda para mais se o país for acometido de sanções e retaliações pelo ocidente, que é o que ocorre. A exportação de recursos naturais, como gás e petróleo do Ártico, nesse contexto, é crucial para sustentar a economia russa e manter a coesão nacional.

A China, por outro lado, tem cautela em investir demasiados recursos em grandes obras no vasto Ártico russo, buscando expandir sua influência geopolítica na região promovendo a cooperação multilateral na região. Beijing vê a parceria como uma

oportunidade para consolidar a sua presença no Ártico e inserir-se nos âmbitos extrativos e comerciais que a região tem a oferecer. No entanto, se encontram de mesma forma preocupações na China sobre os limites da parceria e o risco de o país aplicar recursos fora de seu território sem a garantia de retornos diplomáticos e econômicos para seus investimentos.

É possível, portanto, identificar um potencial limite para a cooperação sino-russa e, conseqüentemente, para as propensões dos países em alterar suas perspectivas de segurança na região do Ártico. Embora sejam parceiros, ambos os países buscarão cumprir suas metas e interesses individuais, o que pode limitar a extensão da cooperação e a disposição de cada um em comprometer sua própria segurança em benefício do outro. Tais considerações serão levadas à guisa de conclusão do trabalho ao longo do próximo capítulo.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho visou discutir evidências que sustentam as condutas russas e chinesas mediante a abertura da região ártica para um desenvolvimento econômico e comercial. A análise parte do início do século XXI e retrata as obras e projetos empreendidos pelas duas potências nos territórios setentrionais. A partir da constatação de avanços e regressos na posição econômica da região, objetiva-se demonstrar que Moscou e Beijing não se articulam completamente no investimento da região. Falta de articulação que ocorre apesar de ambos os atores comportarem-se como aliados geopolíticos em um contexto hegemônico liderado pelos Estados Unidos e de ambos possuírem vastos interesses na expansão comercial do Ártico.

Uma possível contribuição que o estudo traz para o campo de conhecimento é a análise das dinâmicas políticas e econômicas no Ártico, considerando as relações entre as potências presentes na região e as que aspiram uma permanência mais assertiva. Nesse sentido, a obra contribui para uma compreensão mais ampla das relações internacionais contemporâneas, ao destacar as complexas interações entre os principais agentes globais em uma região de crescente importância estratégica e econômica.

Além disso, um aspecto relevante é a questão da segurança internacional na região ártica. Com a crescente importância geopolítica do Ártico, torna-se cada vez mais crucial compreender os mecanismos de segurança envolvidos na região, bem como as implicações que as estratégias de cada país podem ter para a sua estabilidade e para a segurança global como um todo. Nesse contexto, houve um processo de remilitarização e criação de narrativas nacionais em prol da legitimação de políticas governamentais. Outro ponto que merece destaque é a importância do tema para a segurança internacional. A disputa pelo controle do Ártico pode acarretar consequências que ultrapassam as fronteiras da região, afetando o equilíbrio geopolítico mundial. Ademais, o estudo evidenciou a necessidade de se considerar as questões de segurança em paralelo com as questões econômicas na análise do comportamento das nações na região.

Como demonstrado ao longo do estudo, tem sido de suma importância para o governo russo intensificar as suas atividades econômicas e militares no Ártico. Nas últimas décadas, a Rússia tem investido em tecnologias e infraestrutura para explorar os recursos naturais na

região polar, como petróleo, gás natural e minerais, assim como tem intensificado a sua presença militar na região. Esses recursos e a defesa dos campos de extração russos são fundamentais para a economia do país, que depende fortemente da exportação de *commodities* para sustentar seu crescimento econômico.

À vista disso, o país almeja explorar as enormes jazidas minerais presentes na região, assim como fomentar a consolidação da rota marítima do norte como viável alternativa para os percursos tradicionais, e, para tal, necessita de ampla infraestrutura de captação e defesa dos recursos. A própria natureza e vastidão do local exigem que grandes insumos devam ser investidos e Moscou, com sua economia limitada e castigada por sanções, necessita de apoio estrangeiro para o empreendimento. Ainda que a China tenha oferecido investimentos significativos na região, a Rússia tem demonstrado cautela em relação a essa parceria. Moscou teme que a crescente presença chinesa no Ártico possa comprometer sua segurança nacional e sua capacidade de se portar como agente geopolítico ativo na região.

Nesse contexto, cabe ressaltar que a China pode dispor de enormes ganhos com a exploração comercial de um Ártico em derretimento, elucidado em seus investimentos já existentes na região. A presença chinesa em obras estratégicas representa esse ímpeto de beneficiar-se de um *boom* econômico polar, porém a dificuldade de protagonizar os desdobramentos desse crescimento tem representado um impasse entre os tomadores de decisão de Beijing.

Além disso, é importante considerar que a China tem uma estratégia de longo prazo para a região ártica, que vai além do mero investimento econômico. O país visa estabelecer uma presença política e diplomática na região a fim de consolidar sua posição como um ator global de destaque e influenciar a governança e a exploração dos recursos da região. Para tanto, a China tem buscado construir relações com os países do Ártico, por meio de acordos de cooperação e diálogo, além de advogar por uma participação mais incisiva como observadora permanente no Conselho do Ártico. Diante desse cenário, é possível assimilar que uma cooperação com a China transmite em uma busca por garantias políticas claras de que sua presença será aceita na região.

Em síntese, por necessidade de uma ampla disponibilidade de capital, a Rússia vê na China uma oportunidade de superar as dificuldades econômicas que restringem o Estado russo de completamente abarcar suas vantagens no Ártico. Concomitantemente, não há uma

completa determinação chinesa para promover uma vasta região fora de suas fronteiras sem garantias de concessões econômicas e diplomáticas a fim de que a China possa exercer seu poder, apesar das aspirações de Beijing em expandir sua presença no Ártico. Esse é, no entanto, um comprometimento que Moscou não pretende assegurar. O Kremlin não abrirá mão de sua integridade territorial e segurança Ártica por motivos comerciais.

Nesse contexto, o interesse primário da China conserva-se no atendimento de questões de benefícios imediatos à estratégia do país, como evidenciado nas iniciativas de natureza energética, tecnológica e científica. De mesma maneira, a Rússia permanece priorizando sua valiosa soberania na região acima de quaisquer interesses econômicos. Ao fim e ao cabo, a cooperação entre os dois países permanecerá limitada. Os países concernidos, apesar de próximos parceiros, mantêm suas agendas individuais e cooperaram contanto que suas percepções securitárias não sejam desafiadas. Em suma, as mudanças de perspectiva de segurança identificadas para a região não são substanciais, mas pontuais e atendendo às demandas imediatas dentro do período temporal estudado.

Novamente, cabe reiterar que este trabalho delimita sua análise até o primeiro mês do ano de 2022, tendo em vista a guerra na Ucrânia e seus impactos nas potências atuantes na região estudada. Com a escalada das tensões entre a Rússia e os países ocidentais, as dinâmicas geopolíticas no território ártico têm sofrido mudanças significativas, afetando os comportamentos dos Estados na região e a segurança na área. Ademais, a relação com a China foi de igual forma alterada, pois, em preparação às retaliações ocidentais previstas, novos estreitamentos de laços entre Moscou e Beijing foram firmados. Esse desenvolvimento altera as dinâmicas discutidas neste trabalho e abre caminho para futuras pesquisas sobre a mudança no relacionamento entre os dois líderes e a parceria estratégica que se estabelece a partir desse acontecimento.

Por fim, é importante destacar que este estudo contribui para o campo das Relações Internacionais não apenas através da análise das dinâmicas de cooperação e competição entre a Rússia e a China na região ártica, mas também ao introduzir uma discussão sobre os desafios que a segurança internacional enfrentará em regiões amplamente afetadas pelos efeitos do ser humano no clima global. Esses desafios podem incluir estresse hídrico, aumento dos níveis marítimos e, no caso mencionado, o derretimento de depósitos glaciais.

## REFERÊNCIAS

- BERMUDEZ JUNIOR, Joseph S.; CONLEY, Heather A.; MELINO, Matthew. **Ice Curtain: Tiksi Airbase—Many Russian Announcements, Little Equipment**. 2020. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/ice-curtain-tiksi-airbase-many-russian-announcements-little-equipment>. Acesso em: 21 março 2023.
- BRIGHAM, Lawson. **World’s Most Capable Icebreakers: Russia’s New Arktika Class**. 2022. Disponível em: <https://www.usni.org/magazines/proceedings/2022/may/worlds-most-capable-icebreakers-russias-new-arktika-class>. Acesso em: 14 abril 2023.
- BUSINESS. The Economist. **The meaning of Norilsk: how a takeover battle provides a test case for russian capitalism**. How a takeover battle provides a test case for Russian capitalism. 2008. Disponível em: <https://www.economist.com/business/2008/03/13/the-meaning-of-norilsk>. Acesso em: 31 maio 2023.
- BUZAN, Barry; WILDE, Jaap de; WAEVER, Ole. **Security: a new framework for analysis**. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 1998. 239 p..
- CHENG, Evelyn. **ENERGY This map shows the massive gas pipeline that Russia and China are building**. 2022. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2022/07/27/map-of-power-of-siberia-gas-pipeline-that-china-russia-are-working-on.html>. Acesso em: 30 março 2023.
- CHINA. **China’s Arctic Policy**. 2018. Disponível em: [http://english.www.gov.cn/archive/white\\_paper/2018/01/26/content\\_281476026660336.htm](http://english.www.gov.cn/archive/white_paper/2018/01/26/content_281476026660336.htm). Acesso em: 20 novembro 2022.
- CITIC (China). Ministério Chinês das Finanças. **Siberian mine acquisition: what to expect from russian coal?** 2015. Disponível em: <https://www.citic.com/chn/index.php?m=content&c=index&a=show&catid=228&id=2507>. Acesso em: 17 maio 2023.
- Comtrade. **UN Comtrade Database**. Disponível em: <https://comtradeplus.un.org/>. Acesso em: 4 abril 2023.

DEVYATKIN, Pavel. **Russia's Arctic Strategy: Military and Security**. 2018. Disponível em: <https://www.thearcticinstitute.org/russias-arctic-military-and-security-part-two/>. Acesso em: 9 janeiro 2023.

EUROSTAT. **Energy represented 62% of EU imports from Russia**. 2022. Disponível em: <https://ec.europa.eu/eurostat/web/products-eurostat-news/-/ddn-20220307-1>. Acesso em: 14 abril 2023.

FAULCONBRIDGE, Guy. Reuters. **Russian sub plants flag under North Pole**. 2007. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/idINIndia-28784420070802>. Acesso em: 20 abril 2023.

GERSON, Armand J. **STUDIES IN THE HISTORY OF ENGLISH COMMERCE IN THE TUDOR PERIOD**. Nova Iorque: D. Appleton And Company, 1912. Disponível em: <https://archive.org/details/studiesinhistory01gers/page/n9/mode/2up>. Acesso em: 18 abril 2023.

HAGER, Julia. **Russia's Claim to North Pole Territory Officially Confirmed**. 2023. Disponível em: <https://polarjournal.ch/en/2023/02/21/russias-claim-to-north-pole-territory-officially-confirmed/>. Acesso em: 6 junho 2023.

HOLZ, Heidi *et al.* **Exploring the Relationship between China's Investment in the Arctic and Its National Strategy**. Arlington: 2022. 80 p. Disponível em: <https://www.cna.org/reports/2022/01/exploring-the-relationship-between-chinas-arctic-investment-and-its-national-strategy.pdf>. Acesso em: 9 abril 2023.

HUMPERT, Malte. **Chinese Shipping Company COSCO To Send Record Number of Ships Through Arctic**. 2019. Disponível em: <https://www.highnorthnews.com/en/chinese-shipping-company-cosco-send-record-number-ships-through-arctic>. Acesso em: 17 abril 2023.

HUMPERT, Malte. **Putin Discusses Russian Territorial Claims in Arctic with Security Council**. 2023. Disponível em: <https://www.highnorthnews.com/en/putin-discusses-russian-territorial-claims-arctic-security-council>. Acesso em: 5 junho 2023.

HUMPERT, Malte. **The Future of the Northern Sea Route: a “golden waterway” or a niche trade route**. A “Golden Waterway” or a Niche Trade Route. 2011. Disponível em: <https://www.thearcticinstitute.org/future-northern-sea-route-golden-waterway-niche/>. Acesso em: 3 maio 2023.

HYDROCARBONS. **Yamal – Europe Gas Pipeline**. Disponível em: <https://www.hydrocarbons-technology.com/projects/yamal-europegaspipel/>. Acesso em: 30 março 2023.

HØNNELAND, Geir. **Russia and the Arctic: Environment, Identity and Foreign Policy**. Londres: I.B. Tauris, 2016. 240 p.

INDEX, Davis. **Russia to invest in Dudinka port expansion**. Disponível em: <https://www.davisindex.com/russia-to-invest-in-dudinka-port-expansion/>. Acesso em: 14 abril 2023.

INTERNATIONAL ENERGY AGENCT. **Oil, gas and coal import dependency in China, 2007-2019**. 2019. Disponível em: <https://www.iea.org/data-and-statistics/charts/oil-gas-and-coal-import-dependency-in-china-2007-2019>. Acesso em: 31 maio 2023.

IPCC. **Summary for Policymakers**. Cambridge e Nova Iorque: Cambridge University Press, 2019. 36 p. Disponível em: [https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/sites/3/2022/03/01\\_SROCC\\_SPM\\_FINAL.pdf](https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/sites/3/2022/03/01_SROCC_SPM_FINAL.pdf). Acesso em: 20 abril 2023.

Islândia. **FREE TRADE AGREEMENT BETWEEN THE GOVERNMENT OF ICELAND AND THE GOVERNMENT OF THE PEOPLE’S REPUBLIC OF CHINA**. Reiquiavique, 2013. 62 p. Disponível em: <https://www.government.is/media/utanrikisraduneyti-media/media/fta-kina/Iceland-China.pdf>. Acesso em: 13 abril 2023.

JUKES, Geoffrey. **The Russo-Japanese War 1904-1905**. Oxônia: Osprey Publishing, 2002. 102 p.

KHALTURIN, Vitaly I.; RAUTIAN, Tatyana G.; RICHARDS, Paul G.; LEITH, William S.. A Review of Nuclear Testing by the Soviet Union at Novaya Zemlya, 1955–1990. **Science & Global Security**, [S.L.], v. 13, n. 1-2, p. 1-42, jan. 2005. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/08929880590961862>.

KEUPP, Marcus Matthias. **The Northern Sea Route: A Comprehensive Analysis**. Viesbade: Gabler Verlag, 2015. 134 p.

LACKENBAUER, Whitney; LAJEUNESSE, Adam; DEAN, Ryan. **Why China Is Not a Peer Competitor in the Arctic**. 2022. Disponível em: <https://www.airuniversity.af.edu/JIPA/Display/Article/3172586/why-china-is-not-a-peer-competitor-in-the-arctic/>. Acesso em: 13 abril 2023.

LARUELLE, Marlene. **Russia's Arctic Strategies and the Future of the Far North**. Abingdon: Routledge, 2013. 280 p.

LAVELLE, Marianne. **How Norilsk, in the Russian Arctic, became one of the most polluted places on Earth**. 2021. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/news/world/norilsk-russian-arctic-became-one-polluted-places-earth-rcna6481>. Acesso em: 19 abril 2023.

LAWRENCE, Ed. **How Siberia will feed power-hungry China**. 2011. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-13782406>. Acesso em: 14 abril 2023.

LOUPPOVA, Julia. **Sabetta grows. The unique Arctic project**. 2018. Disponível em: <https://port.today/sabetta-grows-the-unique-arctic-project/amp/>. Acesso em: 31 março 2023.

MANENKOV, Kostya; ISACHENKOV, Vladimir. **Russia's northernmost base projects its power across Arctic**. 2021. Disponível em: <https://apnews.com/article/arctic-europe-russia-business-technology-b67c5b28d917f03f9340d4a7b4642790>. Acesso em: 7 abril 2023.

MYERS, Lucas. **China's Economic Security Challenge**: Difficulties Overcoming the Malacca Dilemma. 2023. Disponível em: <https://gija.georgetown.edu/2023/03/22/chinas-economic-security-challenge-difficulties-overcoming-the-malacca-dilemma/>. Acesso em: 18 abril 2023.

MYERS, Steven Lee. **The new tsar: the rise and reign of Vladimir Putin**. Nova Iorque: Knopf, 2015. 592 p.

National Oceanic and Atmospheric Administration. **Arctic Report Card: Climate change transforming Arctic into 'dramatically different state'**. 2021. Disponível em: <https://www.noaa.gov/news-release/arctic-report-card-climate-change-transforming-arctic-into-dramatically-different-state>. Acesso em: 19 jun. 2023.

NILSEN, Thomas. **Arkhangelsk governor confirms China as key Arctic partner**. 2017. Disponível em: [https://www.arctictoday.com/arkhangelsk-governor-confirms-china-as-key-arctic-partner/?wallit\\_nosession=1](https://www.arctictoday.com/arkhangelsk-governor-confirms-china-as-key-arctic-partner/?wallit_nosession=1). Acesso em: 13 abril 2023.

NORNICKEL. **Norilsk Airport reconstruction reaches key milestone**. 2018. Disponível em: <https://www.nornickel.com/news-and-media/press-releases-and-news/norilsk-airport-reconstruction-reaches-key-milestone/>. Acesso em: 11 abril 2023.

OSBORN, Andrew. **Moscow-Beijing partnership has 'no limits'**. 2022. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/china/moscow-beijing-partnership-has-no-limits-2022-02-04/>. Acesso em: 29 jun. 2023.

RAMBØLL. **Nord Stream Project Information**. 2006. Disponível em: [http://www.bsh.de/en/Marine\\_uses/Industry/Pipelines/Nord\\_Stream\\_Project\\_Information.pdf](http://www.bsh.de/en/Marine_uses/Industry/Pipelines/Nord_Stream_Project_Information.pdf). Acesso em: 20 abril 2023.

RÚSSIA. BIBLIOTECA PRESIDENCIAL. **НА ВОДУ СПУЩЕН ПЕРВЫЙ В МИРЕ ЛЕДОКОЛ "ЕРМАК"**. Disponível em: <https://www.prilib.ru/history/619672>. Acesso em: 18 abril 2023.

SADURSKI, Leszek. Regional Security Complex Theory: why is this concept still worth developing?. **Athenaeum Polskie Studia Politologiczne**, [S.L.], v. 75, n. 3, p. 137-153, 2022. Wydawnictwo Adam Marszalek. <http://dx.doi.org/10.15804/athena.2022.75.08>.

SCHREIBER, Melody. **A new China-Iceland Arctic science observatory is already expanding its focus**. 2018. Disponível em: [https://www.arctictoday.com/new-china-iceland-arctic-science-observatory-already-expanding-focus/?wallit\\_nosession=1](https://www.arctictoday.com/new-china-iceland-arctic-science-observatory-already-expanding-focus/?wallit_nosession=1). Acesso em: 28 março 2023.

SHARMA, Bipandeep; SINHA, Uttam Kumar. **Understanding China–Russia Cooperation in the Arctic**. 2023. Disponível em: <https://www.idsa.in/issuebrief/understanding-china-russia-cooperation-bsharma-uksinha-100123>. Acesso em: 17 maio 2023.

SHIRA, Dezan. **New Arctic Road Connects East & West Yamal In Asian Russia**. 2020. Disponível em: <https://www.russia-briefing.com/news/new-arctic-road-connects-east-west-yamal-in-asian-russia.html/>. Acesso em: 3 maio 2023.

SHISHIDO GÓES, J. C. O Ártico Sob O Olhar De Copenhague: A Securitização Da Região Ártica No Pós-Guerra Fria. **O Cosmopolítico**, Niterói, v. 4, n. 3, p. 33-44, 2019.

STAFF, Reuters. **UPDATE 1-Gazprom says China starts building part of Power of Siberia**. 2015. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/russia-china-gas-idUKL5N0YO1XM20150602>. Acesso em: 14 abril 2023.

ENERDATA. **COUNTRY ENERGY REPORT: china**. [S. L.]: 2023. Disponível em: <https://www.enerdata.net/estore/country-profiles/china-energy-report-enerdata-table-of-content.pdf>. Acesso em: 13 abril 2023.

TASS. **Arkhangelsk governor names China as key partner in Arctic projects**. 2017.

Disponível em: [https://tass.com/economy/981893?](https://tass.com/economy/981893?utm_source=google.com&utm_medium=organic&utm_campaign=google.com&utm_referrer=google.com)

[utm\\_source=google.com&utm\\_medium=organic&utm\\_campaign=google.com&utm\\_referrer=google.com](https://tass.com/economy/981893?utm_source=google.com&utm_medium=organic&utm_campaign=google.com&utm_referrer=google.com). Acesso em: 2 maio 2023.

THE Economist. **NATO is facing up to Russia in the Arctic Circle**: an exercise in the

barents sea signals that big-power rivalry covers every ocean. An exercise in the Barents Sea

signals that big-power rivalry covers every ocean. 2020. Disponível em: [https://](https://www.economist.com/europe/2020/05/14/nato-is-facing-up-to-russia-in-the-arctic-circle)

[www.economist.com/europe/2020/05/14/nato-is-facing-up-to-russia-in-the-arctic-circle](https://www.economist.com/europe/2020/05/14/nato-is-facing-up-to-russia-in-the-arctic-circle).

Acesso em: 5 junho 2023.

VAN HUSSEN, Karel *et al.* **Commercial Navigation Along the Northern Sea Route**:

prospects and impacts discussion paper. Roterdã: Ecorys Netherlands B.V., 2020. 27 p.

Disponível em: <https://www.itf-oecd.org/sites/default/files/docs/commercial-shipping-northern-sea-route.pdf>. Acesso em: 17 maio 2023.

WENDT, Alexander. Anarchy is what States Make of it: The Social Construction of Power

Politics. In: **International Organization**. 46. ed. Cambridge, Eua: Mit Press, 1992. Cap. 2. p.

391-425. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2706858>. Acesso em: 15 junho 2023.

WORLD BANK. **Exports of goods, services and primary income (BoP, current US\$) -**

**China**. Disponível em: [https://data.worldbank.org/indicator/BX.GSR.TOTL.CD?](https://data.worldbank.org/indicator/BX.GSR.TOTL.CD?locations=CN)

[locations=CN](https://data.worldbank.org/indicator/BX.GSR.TOTL.CD?locations=CN). Acesso em: 13 abril 2023.

WÆVER, Ole. Securitization and Desecuritization. In: LIPSCHUTZ, Ronnie D.. **On**

**Security**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1995. Disponível em: [https://dl1.cuni.cz/](https://dl1.cuni.cz/pluginfile.php/872615/mod_resource/content/1/Waever.pdf)

[pluginfile.php/872615/mod\\_resource/content/1/Waever.pdf](https://dl1.cuni.cz/pluginfile.php/872615/mod_resource/content/1/Waever.pdf). Acesso em: 28 abril 2023.

WÆVER, Ole. Security complexes: a theory of regional security. In: BUZAN, Barry;

WÆVER, Ole. **Regions and Powers**: the structure of international security. [S.L.]:

Cambridge University Press, 2003. p. 43.